

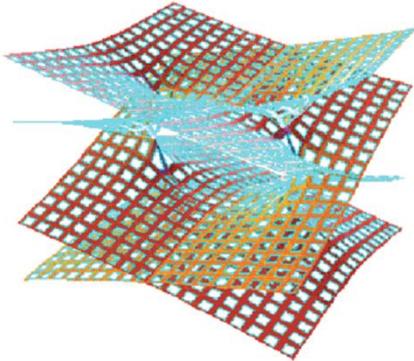
# WUNSCH 22

BOLETIM INTERNACIONAL DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS  
DO CAMPO LACANIANO

Abril 2022

## WUNSCH

Número 22, abril 2022



### LÍNGUA(S) E PASSE

II JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

*9 de julho de 2021, Roma*

### A ESCOLA FRENTE À URGÊNCIA. RESPOSTAS, RESISTÊNCIAS?

IV<sup>E</sup> JORNADA DE ESCOLA, SIMPOSIUM  
INTERAMERICANO

*19 novembro de 2021*

## BOLETIM INTERNACIONAL DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO

### EDITORIAL

Caros colegas,

O CIG apresenta para vocês, Wunsch, número 22.

Nesta edição do Wunsch 22, os leitores encontrarão os textos da Jornada de Escola "Língua(s) e Passe", realizada em 9 de julho de 2021 no marco da 2ª Convenção Europeia, assim como os textos da Jornada de Escola Interamericana "A Escola diante da Urgência: Respostas, Resistência?", realizada em 19 de novembro de 2021 durante o 4º Simpósio Interamericano.

No final desta publicação vocês encontram o anúncio do XI Encontro Internacional da IF-EPFCL "Tratamentos do corpo em nossa época e na psicanálise" a ser realizado em Buenos Aires, entre 29 de junho e 3 de julho de 2022.

Nosso VII Encontro Internacional de Escola, cujo tema é "O passe à analista", ocorrerá durante a jornada do dia 30 de junho.

Finalmente, teremos o prazer de nos encontrar e debater pessoalmente com colegas das diferentes zonas do Fórum Internacional.

Esperando encontrá-los novamente, desejamos-lhes boas leituras!

CIG, 2020-2022

# II<sup>DA</sup> JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

## LÍNGUA(S) E PASSE

### ABERTURA

Elisabete Thamer  
Paris, França

Prezados colegas,

Hoje temos o prazer e a oportunidade de nos reencontrarmos aqui em Roma, para alguns de nós presencialmente. Após longos meses de incerteza, é realmente uma satisfação que possamos estar novamente reunidos para conversar, ouvir os colegas e com eles debater de “viva voz”.

“Língua(s) e passe” é o tema que nos reúne nesta Segunda Jornada Europeia de Escola. Este tema foi escolhido pelo precedente CIG (Colegiado Internacional da Garantia) e se situa no cruzamento de questões fundamentais para a psicanálise *em si* e para o passe.

É também uma feliz coincidência que nos encontremos em Roma em 2021, ano em que estamos celebrando os 120 anos do nascimento de Lacan e, também, os 40 anos de sua morte. Por que considerar isto como uma feliz coincidência? Porque foi justamente em Roma que Lacan pronunciou alguns de seus textos capitais, textos que convergem para o tema que nos reúne hoje: “Função e campo de fala e da linguagem”, também conhecido como “Discurso de Roma”, em 1953; “A psicanálise. Razão de um fracasso”, em 1967 e “A terceira”, em 1974. A esta série de textos, eu acrescentaria a “Nota aos italianos”, de 1973. São todos textos cruciais, que traçaram o caminho da orientação lacaniana cujo objetivo talvez pudesse ser resumido no que diz Lacan em “A psicanálise. Razão de um fracasso”: “interrogar a prática e renovar o estatuto do inconsciente<sup>1</sup>”.

Creio poder afirmar, sem exagerar, que esta frase resume todo o projeto lacaniano. De “Função e campo” à “A terceira”, Lacan nunca deixou de questionar a prática analítica e o estatuto do inconsciente. Do inconsciente estruturado como uma linguagem ao saber fazer com *lalíngua*, do “Discurso de Roma” ao *ronrom* do “*disqu’ourdrome*” de “A terceira”, Lacan nunca deixou de se questionar, de nos questionar, sobre estes dois pontos: a prática analítica e o estatuto do inconsciente. O primeiro ponto dependendo necessariamente do segundo.

É por isso que o tema “Língua(s) e passe” levanta, primeiramente, a questão da(s) língua(s) na análise. Com as sucessivas elaborações de Lacan sobre o inconsciente, como podemos pensar a relação do analisante com sua língua na análise, cujo único instrumento é a fala? Mas como pensar, também, sua relação com a *lalíngua* da qual é feito *seu* inconsciente? *Lalíngua* é exclusivamente “sua”, apesar de você compartilhar um mesmo idioma com seu analista. Sempre radicalmente singular, *lalíngua* não pode ser reduzida a uma língua determinada, ela “nada tem a

---

<sup>1</sup> Lacan, J. “A psicanálise. Razão de um fracasso”, In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 341: “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise, tais foram seus termos: função da fala, campo da linguagem, isso equivalia a interrogar a prática e renovar o estatuto do inconsciente.”

ver com o dicionário, seja ele qual for<sup>2</sup>”, diz Lacan no seminário “O saber do psicanalista”. Compartilhamos mais ou menos uma língua, mas em caso algum uma *lalíngua*. Aliás, não seria necessária uma análise inteira para que o analisante perceba a idiosincrasia de sua *lalíngua*, do que a descola do sentido do deciframento? Lembremos que *idios*, em grego, significa “que pertence exclusivamente a cada um ou a alguma coisa”.

A questão da(s) língua(s) no passe está, assim, intimamente ligada à forma como se concebe o estatuto do inconsciente e o que está em jogo no desenlace das análises. Em outras palavras, disto depende o que pode *se* traduzir em testemunho pelo próprio passante. Trata-se, portanto, menos de um problema de coabitação de diferentes línguas em nosso dispositivo do passe do que de uma aporia estrutural do relato da análise.

É por isso que nossa Jornada de hoje vai abordar essas duas vertentes: das línguas na análise e no passe. A elas dedicaremos duas sequências, uma tratando da questão “Língua(s) e análise”, a outra “Língua(s) no passe”. Mas esta jornada de trabalho não se limitará a estas duas sequências. Temos o prazer de começar nossa jornada com a intervenção de Anastasia Tzavidopoulou, nomeada analista da Escola em março deste ano.

Por último, realizaremos uma mesa-redonda sobre “A presença de Lacan”, cujo objetivo não é somente de comemorar este duplo aniversário de Lacan, mas também destacar o que, do seu ensino, permanece vivo e afiado para nossa Escola e para cada um de nós, analistas, que reivindicamos sua orientação. Se há um tributo a prestar-lhe, seria para mim o de nunca ter poupado seus esforços “para desatar a estagnação do pensamento psicanalítico<sup>3</sup>.”

Em nome dos meus colegas do precedente CIG, gostaria de lhes dar as boas-vindas e desejar-lhes uma excelente jornada de trabalho.

---

<sup>2</sup> Lacan, J. *Estou falando com as paredes. Conversas na capela de Sainte-Anne*, Rio de Janeiro, Zahar, “Paradoxos de Lacan”, p. 19 (lição de 4 de novembro de 1971).

<sup>3</sup> Lacan, J. (1968) “De Roma 53 a Roma 67: A psicanálise. Razão de um fracasso”, In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 349

## CATIVIDADES [*captivités*]

Anastasia Tzavidopoulou  
Paris, França

Gostaria de homenagear o analista, aquele que rebate a bola, como diz Lacan<sup>1</sup>. Para que haja análise que chegue ao fim, ao fim de um saber, é preciso um analista. É certamente uma banalidade dizer isso, mas uma banalidade não exclui uma verdade. Homenagem ao analista que - para seguir com a metáfora - depois de pegar a bola, frequentemente em movimento, a rebate amortecida [*amorti*]<sup>2</sup> ou na linha. E uma bola quica [*fait rebound*], às vezes de forma ruim/falsa [*faux rebound*]. Tal como uma palavra, e seu equívoco, a qual o analista deve seguir o movimento. Seguir o movimento faz com que uma palavra se transforme. Uma palavra sozinha, sem o ouvido do Outro, não existe. Uma palavra só existe na língua, e a língua é sempre a língua do Outro. Mas as palavras pertencem apenas a quem as emite, a quem as formula. Palavras obscenas, palavras ásperas, palavras suaves, palavras ininteligíveis, palavras cômicas, palavras enigmáticas, palavras dramáticas; palavras sem rugas (esta é uma referência a André Breton) são, sem dúvida, aquelas que encontramos na análise porque resistem ao tempo; mas também as palavras sob palavras (diria Saussure), os trocadilhos, os jogos espirituosos. As palavras se transformam, seguimos seu fio sem saber exatamente para onde nos levarão.

Tal como uma palavra, uma lembrança da infância, uma palavra grega, a qual se busca a tradução em inglês, mas num dicionário de inglês e isto após ter se substituído as letras gregas por letras latinas. Não tente compreender. Confusão mental, confusão da língua, pesquisa linguística impossível, separação impossível da língua do Outro, logo um sinônimo da palavra pesquisada nesta língua outra que a língua materna, sem sucesso, é claro, foi ouvida na canção de ninar que acompanhou toda a primeira infância e até mesmo depois. Experiência do poder de alienação.

A língua brinca conosco, ela nos captura, nos torna cativos, nos cativa, ela nos prega peças e desvios. Este tem sido o caso em toda análise, uma questão de voltas e reviravoltas.

Sob o efeito da demanda, pagamos ao analista o preço de nossas palavras, de nossos males e, em última instância, e sem surpresa, saímos ainda mais pobres e, no meu caso, sem dúvida mais sozinha.

“Quem fala só tem a ver com a solidão”. Sessão curta, apenas enunciado “eu ...”, corte do analista, surpresa, uma bola amortecida. “Eu não é um ser, é um suposto a quem fala. Quem fala só tem a ver com a solidão”. Esta citação é de Lacan<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Lacan, J. (1957-1958) *O seminário, livro 5: As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 28: “O Outro rebate a bola, alinha a mensagem no código como tirada espirituosa”.

<sup>2</sup> *Amorti*. Définition: Coup de raquette très doux qui renvoie la balle (ou le volant) très ralentie, de manière à ce qu'elle retombe juste de l'autre côté du filet. [Amortecimento. Definição. Golpe de raquete muito suave que rebate a bola (ou peteca) muito lentamente, de forma que ela caia do outro lado da rede].

Fonte: <https://www.dictionnairedesfrancophones.org/form/amorti/sense>

<sup>3</sup> Lacan, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20, mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 128.

É possível e não incomum que uma análise comece na solidão ou por causa da solidão; não era meu caso. Falta ainda ver o que solidão quer dizer, eu a tomo aqui no seu sentido comum, um afeto que impede, que poderia impedir a criação de laços. Há, sem dúvida, "solidões".

A solidão, a minha, eu a encontrei na análise quando a miragem da pequena história contada começou a se dissipar. Não se tratava de uma solidão social, mas de uma solidão sentida quando o centro das atenções desta narração que envolvia o analista começou a se esvaír, quando as palavras começaram a se estreitar e o indizível se revelou em seguida inevitável a partir do que pode ser dito.

A análise não começou no seu início. Começou com o encontro dessa solidão face ao que chamo de "estreitamento das palavras", prova, sem dúvida, de uma possível separação do Outro e de seus significantes, de uma possível separação de uma palavra maternal tornada uma injunção. Essa injunção colocaria barreiras ao "eu" da enunciação, barreiras que delimitariam um espaço, um espaço fantasmático no qual eu me encontraria cativa e cativada.

O encontro com a solidão teve o efeito de um descolamento e de um deslocamento.

Primeiro, um descolamento. O descolamento implica um momento no tempo, um momento preciso e restrito. O "eu...", único enunciado pronunciado na sessão, resta suspenso, sem continuação, e advém um "Eu-corte". Provoca um descolamento do Outro, não sem certa violência emocional. A impossível busca da palavra no dicionário, tornou-se palavra estrangeira, mas sem pertencer a uma língua; por estar muito próxima do Outro, remete a uma experiência da língua onde "algo, [cito Lacan ...]<sup>4</sup>, resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento" e impele no só-depois, a uma outra língua, língua também estrangeira, a do inconsciente e de sua lógica encontrada na análise. A busca pela palavra no dicionário poderia ser lida e ouvida de outra forma que não como uma busca linguística impossível.

Descolamento ainda da relação transferencial e da fé incondicional no saber do analista, o que possibilitou que as palavras fossem tomadas a cargo de quem as enuncia e não de quem as ouve. O saber mudou de lado e isso resultou na liberação da autocensura. A expectativa de aprovação e de elogio do analista, expectativa sem dúvida imaginária, foi furada para sempre.

Mas também descolamento do "eu" da enunciação. Quero dizer, no sentido de Rimbaud<sup>5</sup>, "EU é um outro". Eu o cito: « Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras. EU é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente! ». Portanto, parafraseando Rimbaud, é errado dizer, EU falo, porque se tropeça na dificuldade de se designar a si mesmo.

O encontro com a solidão também foi o efeito de um deslocamento. O deslocamento implica uma série de movimentos, de avanços e retornos, idas e vindas, pequenos passos. Não no sentido de negação, de falta, de "não diálogo", isso do qual saímos mais pobres. E também passos, pequenos passos, no sentido de uma caminhada em direção à, em direção a um saber e, quanto a mim, eu iria descobrir mais tarde, em direção a um lugar.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20, mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 154.

<sup>5</sup> Rimbaud, A. *Carta a Georges Izambard* (13 de maio de 1871). Tradução de Marcelo Jacques de Moraes [UFRJ]. Revista Alea Estudos neolatinos 8 (1), Jan 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2006000100011>

Esse deslocamento de que falo, deslocamento subjetivo, tornou-se possível após inúmeros avanços e recuos em um espaço muito preciso. Foi antes de tudo o lugar de uma lembrança da primeira infância, mas já um lugar de solidão, um lugar real, existente. Esta lembrança e o seu lugar estiveram sempre lá, sob a forma de uma imagem borrada, velada, jamais contada, como uma pintura onde a imagem é mais forte que as palavras, ao mesmo tempo é uma imagem extremamente banal, sem nenhuma significação especial: uma lembrança durante uma noite de verão na varanda da casa da família. Sem nenhuma significação especial, exceto sua insistência. Por quê? Por que a consistência dessa lembrança quase evaporada? Isso demorou vários anos para falar, pelo menos para descrevê-lo, quase timidamente, surpresa sem dúvida com sua teimosia. Era preciso sair do quadro para poder evocá-lo, para desenhá-lo novamente. E a lembrança deste lugar, deste *topos*, palavra após palavra, fala após fala, tomou a forma *daquilo que era*: uma cena, uma cena fantasmática, delimitada pela injunção maternal que havia posado, no só-depois da história contada, nas redes de catividade. A injunção maternal doa a essa lembrança banal e, ao mesmo tempo, singular os contornos de um espaço no qual eu me encontrei cativa e cativada. Cativa no sentido de confinamento neste espaço bem circunscrito e cativada porque levada por uma espécie de feitiço, uma atração magnética a este lugar que era uma cena.

É depois de várias voltas e reviravoltas neste espaço, sessão após sessão, que pequenos deslocamentos começaram a efetuar na solidão da fala onde o Outro, o analista, está lá, não como uma presença encarnada, mas como um ouvido separado para acolher as palavras, como se a necessidade de um depósito, um depósito *mot-eur*<sup>6</sup>, se me permitem este jogo de palavras, fosse necessário e indispensável. O que Lacan chama de “autismo a dois” encontrou toda a sua dimensão solitária.

Essa cena fantasmática ocorreu em um espaço que se tornou, seguindo uma lógica, um espaço gramatical, um espaço no qual os diferentes tempos da gramática do verbo “ter” se repetiam em ciclo e sem ponto de parada. “Isso que eu tive, que eu tinha, que eu teria, que eu tenho”: todas essas declinações respondiam a isso que havia se tornado, na fala maternal, uma injunção.

Para Roland Barthes, o tempo do fascínio é o imperfeito tanto quanto “isca da memória”. Nessas turbulências dos diferentes tempos do verbo, o tempo da fascinação foi o condicional tanto quanto garantia de uma promessa infinita porque jamais realizável. Essas diferentes formas na linha do tempo se sucederam, sempre na forma afirmativa e sem fim, em um tornado deslumbrante. Elas me mantiveram confinada neste espaço, espaço paradoxal onde o excesso, condição do imperfeito e de sua incompletude e do não suficiente, condição do condicional e de sua realização incerta, coexistiam em uma conjunção hipotética e reforçavam as barreiras fantasmáticas de um lugar insustentável.

Este lugar foi imposto pela língua e sua gramática e isto até o esgotamento da repetição desses diferentes tempos do verbo, até o momento de uma virada onde o passo [*pas*] de negação, o passo [*pas*] de uma aquisição que nunca aconteceria e o passo [*pas*] que faz avançar à pequenos passos se encontram em uma manifestação do inconsciente para colocar um ponto de chegada a esta espiral gramatical. O efeito provocado foi a conversão dessa cena fantasmática e a abertura de um novo horizonte. Não sem uma desidealização que se revelou necessária porque ela protege do pretense triunfo deste novo horizonte. A cena fantasmática, apesar da redução de sua opacidade, ainda mantém seu estofo. Se rebelar é uma quimera.

---

<sup>6</sup> *Mot-eur*: jogo de palavras com *mot* [palavra] + *moteur* [motor].

Mais pobre, mas com um lugar novo, um lugar menos dilacerado do que aquele entre as formas intermináveis dos tempos verbais, um lugar ao abrigo da errância gramatical. Mas, ao mesmo tempo, lugar solitário e, preciso aí me fazer, lugar desconfortável. A solução? Agalmatizar, sonho de fim da análise, de uma transferência em direção a Freud e de um retorno que não reenvia mais ao ponto de partida. Aliás, foi após alguns anos do fim da análise, após o vislumbre desse retorno que tomei a decisão de fazer o passe. Tornar esse novo lugar de psicanalista agalmático para suportar seu desconforto, tornar esse novo lugar de sujeito, de mulher, agalmático para suportar sua solidão. Porque se a satisfação do saber adquirido é certa, dessa conquista que durou anos inteiros, no fundo, quem se importa?

"Língua (s) e passe" é o tema desta jornada de Escola. Eu acrescentaria um terceiro termo, o da solidão, no plural: "Língua(s), passe e solidão". Lacan o destacou tanto quanto Freud. Quanto a Freud, ele dirá que é "um solitário, teorizador incontestável do inconsciente"<sup>7</sup>. E a propósito de si mesmo: "tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica"<sup>8</sup>. No dispositivo do passe, há o encontro com um painel de diferentes línguas, mas também o encontro com a língua privada de cada sujeito, sua língua particular, com seus equívocos e suas manifestações do inconsciente; língua que testemunha a tentativa sempre fracassada e renovada de querer cativar e domar as palavras enquanto é o seu resto que persiste. É neste ponto da solidão da língua, nestas diferentes solidões reunidas, apesar da nossa língua comum, que o dispositivo do passe pode fazer Escola?

*Tradução:* Miriam Pinho

*Revisão:* Sandra Berta

## **LALÍNGUA NO ENTRE-LÍNGUAS E A EXPERIÊNCIA DO PASSE**

*Josep Monseny*  
Barcelona, Espanha

Não somente o trabalho no cartel do passe na Escola dos Fóruns, que por sua natureza internacional, nos coloca frente à babel das línguas, como também a própria experiência de minha análise e de meu passe foram para mim plurilinguísticas. Minha condição de "catalão" me situou nos meus dois primeiros percursos psicanalíticos em relação a um Outro que conhecia bem minha língua materna; o terceiro se expressava em castelhano-argentino o que o aproximava de certas ressonâncias da fala paterna e o último, com quem vivi a experiência do passe clínico, o fazia em francês.

Ambas as línguas estavam distantes do que é a minha língua materna e por isso estavam sempre marcadas por uma dupla condição: em primeiro lugar a relação com estas línguas sempre esteve marcada por uma profunda ambivalência, por um lado supunham o acesso

<sup>7</sup> Lacan, J. (1976). "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567.

<sup>8</sup> Lacan, J. (1964). "Ato de fundação". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 235.

ao saber, à busca pelo sentido da vida, do mal, do sexo, do amor...de fato, sempre li mais literatura espanhola e francesa do que catalã; por outro lado sempre estava presente certa rebeldia diante do fato de que eram línguas, especialmente o espanhol, do *Unpire*, do domínio de duas nações que procuravam há séculos o desaparecimento da Catalunha e, com isso, de minha língua materna. A segunda é que ambas as línguas vinham marcadas pelo fato de serem as línguas acadêmicas, ali onde o código do Outro tomava sua forma mais regulada e severa. A ortografia na língua do Outro sempre apresentou uma especial dificuldade, alijada como estava de funcionar como quiasma dos efeitos dos equívocos de *lalíngua*, que eram mais fecundos em catalão mas, em certo sentido, mais difíceis de se ler. No entanto, ainda que, como diz a neuro-linguista norte-americana Patricia K. Khul, todos os bebês nasçam igualmente aptos em relação a todos os fonemas, somente escutar a língua materna predispõe uns mais que outros por razões estatísticas. Como analistas sabemos que não é somente uma questão estatística, como explicam os neurologistas, o papel da língua dos progenitores para fazer que prevaleçam em um sujeito a influência de alguns fonemas e o esquecimento de outros, mas também influenciam de forma decisiva o modo pelo qual estes fonemas são investidos em *lalíngua* pelo desejo e pelo gozo que veiculam. Daí que, dentro de minha análise e de minha experiência do passe, certos equívocos translinguísticos tiveram importância decisiva tanto para favorecê-los quanto para dificultá-los, sem esquecer que o catalão, o francês e o espanhol são línguas românicas e, portanto, compartilham grande parte de seu subsolo “langagiere”, mas sabemos que isso também produz “falsos cognatos” como efeito dos jogos com o cristal da língua.

Em minha análise, como já havia exposto em meu testemunho em La Coruña, o equívoco entre o “ça” francês e o “se” catalão, facilitado por uma falha de pontuação da frase, deu lugar a uma interpretação de meu analista que foi fundamental para abrir o desenvolvimento da análise em direção ao seu final; “un elephant, ça trompe enormement” (um elefante, engana enormemente) lido/traduzido automaticamente por mim como “un elefant s'enganya enormement” (um elefante se engana enormemente). O analista assinalou: não é a si mesmo que se engana, engana ao outro/Outro.

Em outro testemunho, realizado nesta ocasião em Paris, o equívoco fundamental que meu percurso psicanalítico havia “destilado” passou inadvertido pela audiência, assim como para mim mesmo velado pelas impactantes imagens de um sonho que no final das contas se mostrou conclusivo: “nesse sonho eu aparecia com meu analista em meio a uma paisagem que era Paris queimada [abrasado] totalmente, sob um céu escuro, meu analista e eu estávamos um ao lado do outro em uma posição que mesmo dentro do sonho eu associava ao quadro de Gabrielle d'Estrées e sua irmã, só que nesta ocasião eu passava meu braço [*brazo*] pela cintura de minha analista, abraçada [*abraçada*] por mim. O impacto imaginário do sonho impediu tanto a mim quanto a minha audiência captar o equívoco que dominava o sonho: entre “abrasar e abraçar” em castelhano, induzido pela homofonia entre “abrasar e abraçar” em catalão, que soa praticamente igual, salvo pela diferença entre os sons de *esse sonoro* e *esse apagado* que “après-coup” me permitiu captar o quiasma entre meu sintoma, meu fantasma e um trauma no qual minha mãe me queimou [*abrasó*] e do qual se haviam alimentado minhas angústias, minhas fobias e minhas dificuldades em relação ao outro sexo e que constituía na última imagem do horror que velava a emergência do real, entrevisto como escuridão e silêncio.

Em minha experiência nos cartéis do passe, a primeira na AMP, não colocou muitas dificuldades a esse respeito uma vez que eram cartéis interlinguísticos somente pelo fato de que o idioma materno de algum passante podia ser catalão, galego ou basco, mas todos tinham domínio do castelhano. Mas na minha participação no cartel do passe de nossa Escola de fóruns, devo dizer que se mostrou mais mediatizada meu insuficiente

conhecimento do francês falado coloquialmente, já que meu francês é puramente acadêmico, poderia dizer inclusive, lacadêmico, isto é, desenvolvido sobretudo na leitura de alguns livros, como *Climats*, que influenciaram minha educação sentimental, mas sobretudo nos textos de Lacan.

Esta duplicidade veio a dobrar minha experiência juvenil: um idioma para viver e um idioma para estudar.

A escuta dos testemunhos me fazia colocar toda a atenção em captar o sentido do que dizia o passante em seu idioma coloquial, emocional, vivencial...o que em certo ponto, restringia minha atenção em escutar os modismos, matizes e polissemias e não, digamos, se se produzia algum equívoco. Ou seja, tudo o que consistia um “pas de sans” que atravessava o que Lacan chamou a ranhura sobre o amuro (*amour*).

Somente a elaboração posterior do cartel me permitia captar “de segunda mão” como costuma-se dizer, a lógica que se podia extrair do percurso exposto por ambos passadores, mas essa elaboração caía, em minha escuta, sob o efeito de estar muito determinada pela doxa. No entanto, tenho que dizer que ocasionalmente algo fulgurava mais além “do caso”, dava-se um “duplo passe”, o que passava do passante para os passadores e destes para o cartel. Mas também, no meu caso, produziu-se um terceiro efeito de passe: não lembro de um único caso em que meu juízo não tenha coincidido com a impressão coletiva sobre se haveria nomeação ou não, sem que isso implicasse em unanimidade, ou que o testemunho dos passadores tenha sido problemático.

Creio que existe algo que transcende a elaboração do cartel, se se trabalha bem, e é aquilo que o passe permite captar mais além dos ditos, um-dizer que é próprio do passante. Minha interrogação atualmente gira em torno da questão se esse um-dizer é inerente a cada sujeito e portanto causado por um real imutável do princípio ao fim, ou bem se poderia considerar que esse um-dizer deva ser conquistado por cada sujeito, ao menos por aquele que faz a experiência de uma análise, pois como diz Colette Soler, “o bem dizer é o bem dizer do analisante interpretado” e a ética do bem dizer é a da psicanálise como discurso”, portanto há, para o analista, o dever de sustentar um “bem dizer”. Poderíamos então supor que haja um dizer do analisante-analisado que possa ser tomado como índice de uma certa culminação do trabalho psicanalítico que dê a oportunidade para apostar que em tal sujeito possa haver “do analista”? No final das contas toda suposição do passe de analisante para analista não é senão uma aposta, ainda que o passe trate de fundá-la em razão, sabedor que isso tem um limite. Precisamente o que está em jogo é o que Lacan evoca no seminário 21, “o dizer verdadeiro é, se cabe a ranhura...é o que a define, a ranhura por onde passa aquilo que...aquilo que é preciso que supra a ausência, a impossibilidade de escrever, -de escrever como tal- a relação sexual.”

Há um matiz particular naquele dizer que tenha feito a experiência desse lugar, onde não se pode permanecer, mas de onde se modula esse dizer?

*Tradução:* Luis Guilherme Mola

*Revisão:* Sandra Berta

## ... A JUSTO TÍTULO!... »

Mario Binasco  
Milão, Roma, Itália

Não passei pelo dispositivo do passe. A respeito daquilo que é, para mim, a passagem a analista, tenho a ocasião de me interrogar a cada volta que decido receber alguém, porque sei que somente essa passagem dará chance a quem quer que se apresente a passar eventualmente a uma análise, como foi para mim.

Nesta época de Alzheimer e da cultura de cancelamento, não seria talvez a experiência de retomada, de repetir essa passagem, que poderia me dar a possibilidade de ter certeza, na medida do possível, de que a análise que fiz me permite enfrentar tudo isso que os analistas enfrentam, quando se autorizam como tal?

Sobre o tema de *lalíngua* e das línguas, o meu testemunho não se refere, portanto, ao fim de análise, mas ao seu início; e aos dois tempos da forma pela qual fui introduzido na análise. É no primeiro destes dois momentos que emerge a frase de Lacan, que tomei como título. Ofereço humildemente esse testemunho, que espero não estar fora do tema, já que não posso ser testemunha e juiz ao mesmo tempo.

Eu tinha vinte e cinco anos, prestava serviço militar na Aeronáutica depois de alguns anos como psicólogo: exercia meu interesse por Lacan em um pequeno grupo ligado a um amigo que era um analista aluno de Lacan. Naquele “tempo suspenso” que era o serviço militar, eu começava a me perguntar de que modo eu teria entrado na experiência analítica. O amigo analista me convidou a considerar a possibilidade de fazê-lo em Paris, dizendo-me inclusive que Lacan, como chefe da Escola, desejava conhecer aqueles que queriam dar este passo. Assim, expatriei-me por alguns dias, contra as leis militares, e fui buscar Lacan.

Ao chegar para sondar as possibilidades analíticas do meu futuro próximo, encontrei-me rapidamente transformado em um caso de urgência. Lacan procedeu comigo exatamente do mesmo modo que ele ilustra em uma das suas conferências americanas, nas quais diz:

“[Os analisantes] devem testemunhar sobre isso que esperam como resultado de seu pedido. Procuo fazer com que esta demanda os force a fazer um esforço, um esforço que será feito por eles. Nessa filtragem, há uma aposta, um pouco de sorte.”

Coloco a ênfase sobre a demanda. É preciso efetivamente que haja algo que impulsiona. E essa coisa não pode ser o conhecer-se melhor, quando alguém me pede isso, eu o despacho.”<sup>1</sup>

Lacan multiplicava os encontros, pagos a um alto preço, atribuindo isso a sua solicitude por mim. Em um bilhete que enviara até meu hotel, tinha escrito: “Faço isso verdadeiramente por você”.

E a língua? Esperava-se que eu falasse francês. Na realidade, eu nunca estudei francês de verdade, e meu conhecimento da língua era fraco, ainda que estranhamente isso nunca tenha se colocado para mim como um problema.

Quando disse a Lacan que estava na aviação, perguntou-me se eu era um piloto. Quando da minha resposta negativa, disse: “Então é um ‘*rampant*’!” Choque da minha parte, sentia-me perdido: não conhecia a palavra “*ramper*”, “rastejar” e não sabia que “*rampant*” se aplicava às serpentes e, no jargão militar, aos soldados terrestres. Ainda mais que, contrariamente, em italiano, a palavra “*rampante*” significa o oposto, alguém que sobe, que escala, como os leões dos

<sup>1</sup> Lacan, J. (1975). Conférences et entretiens dans des Universités Nord-Américaines. *Silicet* 6/7, Paris: Seuil, 1976, p. 33.

brasões, que se erguem nas patas traseiras. Um completo mal-entendido, balbucios penosos para sair disso, a impressão de ter perdido qualquer possibilidade de encontro e de acordo.

Essa impressão atingiu seu ápice quando ouvi Lacan pronunciar essa frase, que se fixou em minha memória: “Dada a importância que atribuo, a justo título, ao jogo da linguagem no inconsciente...”.

Seu gesto revelava um incômodo, uma dificuldade em conseguir ouvir isso que se esperava ouvir “a justo título!”, e que lamentara esse incômodo. O resto da frase – que não guardei – deixava entender que ele duvidava de estar em condições de assegurar a direção da minha eventual análise.

O que era esta frase? Uma justificativa? Uma explicação? Na realidade, não importa como seja, isso não explicava nada, e nada o explicava. Talvez se tratasse do mal-entendido a respeito de “*rampant*” e da inadequação desoladora do meu francês? Ou era porque a minha situação econômica era precária demais para pagar, a longo prazo, os preços que ele pedia? Ou porque me examinara [pesara] e me achara insuficiente – como, em seguida, meus colegas/amigos me fizeram entender?

Aquela frase não era questionável, pela sua natureza de ato. Ficava lá, plantada no meio das nossas entrevistas preliminares, como um bloco errático atravessando a minha demanda, que Lacan havia considerado um “caso de urgência”. Este ato tinha, por um lado, o efeito de separar o lugar do analista da pessoa de Lacan, que se retirava em um tipo de des-ser *ante litteram*<sup>2</sup>, um des-ser antes do ser; por outro lado, tinha o efeito de indicar “o jogo da linguagem no inconsciente”, (ou o terreno fundamental e necessário de *lalíngua*), como lugar privilegiado do saber da transferência.

Todavia, essa frase não marcou o fim das entrevistas preliminares. Na verdade, não era essa a “pesagem” que Lacan fazia da demanda “que não se tem certeza de satisfazer, exceto depois de pesá-la”<sup>3</sup>. A renúncia de Lacan em assumir a direção da minha análise não significava de modo algum uma renúncia em pesar a minha demanda, nem significava que a tivesse achado insuficiente. O que me autoriza a dizê-lo? O fato de que Lacan não me “despachou”; pelo contrário, me conduziu, literalmente, pela mão. Depois de ter me incitado, uma última vez, a me exprimir, nos termos mais implicados, sobre o que eu esperava do meu trabalho de análise, autenticou-o me dizendo que eu o tinha feito de fato sentir alguma coisa. Disse que me confiaria aos cuidados de um analista que era seu aluno, assegurou a confiança neste analista definindo-o “o fiel dos fiéis”, fez sua secretária ligar para ele, falou com ele, pediu-lhe para marcar uma entrevista naquela mesma tarde e, por fim, despediu-se.

Fiquei totalmente “*dupe*” de seu acompanhamento; atônito<sup>4</sup>, eu o segui e não me arrependi, porque foi isso que me permitiu, anos depois, quando parecia que as estradas do meu analista e a de Lacan estavam se separando, que me permitiu perseverar no meu desejo de levar minha análise até o fim.

Isso seguramente marcou a continuação da minha relação com a linguagem de Lacan, com esse franco-lacanianismo que ele estava forjando e que leva ainda os traços dos seus arroteamentos e das suas aberturas de novos caminhos.

Mas a questão das línguas e de *lalíngua* marcou também o segundo tempo da minha introdução na análise, com o analista para quem Lacan me havia encaminhado.

Devo dizer que, como falasse, eu era já bem sensível aos jogos da linguagem, os jogos com isso que mais tarde chamaríamos “*lalíngua*”.

<sup>2</sup> Expressão latina traduzida literalmente como “antes da letra”, e que significa “antes que o termo, ao qual se refere, tenha existido”.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1976). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In: Outros escritos, 2003, p. 569.

<sup>4</sup> A expressão “*come un allocco*” significa “como uma coruja” e se refere ao atordoamento que o animal sente ao ver uma luz forte.

Uma criança pequena que tinha falado muito cedo, que percebia, nos adultos, a impressão que lhes causava seu uso precoce das palavras. Ela mesma sensível à intensidade com a qual certas palavras eram pronunciadas pelos outros, palavras que pareciam materializar a paixão (gozo, seria chamado mais tarde), na qual se condensava sua existência: particularmente palavrões, blasfêmias, imprecações, deprecações, maldições etc. Uma criança que, com três anos, tinha saudado uma senhora que visitava sua casa com a fórmula de cortesia: “Bom dia, senhora puta”. Uma criança que tinha ouvido as palavras com as quais a mãe havia amaldiçoado o momento de sua concepção, ou que tinha ouvido o que fora esfregado em sua cara por seu pai – que tinha ficado particularmente irritado com ele –: a palavra “*Diseredato!*”<sup>5</sup>. Uma criança que, um pouco maior, também explodia inexplicavelmente em um riso irrefreável ao ouvir sua mãe pronunciar a palavra francesa “*claque*” (cujos fonemas se encontram em muitos pontos de sua vida, inclusive no nome de Jacques Lacan).

Esse indivíduo então que, para brincar com as línguas e as linguagens, tinha um gosto do tipo joyceano, que um colega tinha definido como quase esquizofrênico, e que era sintomático nele. Esse indivíduo então já não seria um praticante mais do que familiarizado com o “jogo da linguagem no inconsciente”?

Mas era esse mesmo o “jogo da linguagem no inconsciente” que Lacan tinha “a justo título” me indicado como o campo do saber que se pode supor da transferência e isso ao qual o analista deve estar fundamentalmente atento? Não, porque eu não era “o inconsciente”: eu fazia jogos de linguagem, que não eram o jogo da linguagem com o qual o inconsciente, se não brincava comigo, ao menos jogava com meu destino.

As primeiríssimas semanas de análise, não sei bem por que, descobri-me levando às sessões um dicionário italiano-francês não muito grande, mas tampouco de bolso. Para quem eu o levava? Não era bem para mim, porque eu estava seguindo a regra analítica, deitado sobre o divã. Para o analista então? De certa forma, sim; mas era mais um complemento – ou um suplemento? – do dispositivo analítico: como uma Pedra de Roseta, um monumento à análise como obra de tradução, um monumento à tradutibilidade do jogo da linguagem no inconsciente e a sua emergência na sessão.

A Pedra de Roseta, no entanto, não durou muito.

Uma vez estava contando um sonho no qual, em certa situação, em certo momento, eu fazia uma *omelette*. Em italiano, eu teria dito “fazia uma *frittata*”, mas, falando francês, eu disse “eu fazia uma *omelette*”, palavra que traduzia corretamente a “*frittata*” da qual falava o sonho. Mas, na *lalíngua* da minha família, “*omelette*” significava, na verdade, aquilo que se chama um “*crêpe*”, em francês. Assim, a expressão francesa “*je faisais une omelette*”, na *lalíngua* do sonho, ressoava como se eu tivesse dito “eu fazia um *crêpe*”. É preciso acrescentar que o som da palavra “*crêpe*” ressoa, no italiano da *lalíngua*, com as palavras da série “*crepa, crepare*” (“fenda, fender”, mas também “falha, fissura, greta” etc.). Assim, dizer em francês “*je faisais une omelette*” (eu estava fazendo uma *frittata*) evocava e removia, ao mesmo tempo, a palavra “*crepa / fenda*” que, como a palavra francesa “*crève*”, é o imperativo do verbo “*crepare / crever / fender*”; e, como substantivo, significa “falha, fenda, fissura”.

Nesse momento, o analista me disse: “Ainda bem que me trouxe esse dicionário, porque vejo aqui que “fazer uma *frittata*” significa “quebrar algo, causar um desastre, causar um problema”. Até aqui, tratava-se de tradução: o analista tinha procurado “*omelette*”, que se traduzia como “*frittata*”, depois tinha procurado “*frittata*” e tinha visto as expressões que acabei de citar. Mas a interpretação verdadeira foi a que me disse logo depois: “Você já ouviu o ditado ‘*Non se pode fazer uma omelette sem quebrar os ovos*’...”

Quebrar os ovos, aí está do que se tratava na análise. Essa frase fazia sinal de uma dimensão que nenhum dicionário pode conter: introduzia uma dimensão de acontecimento, de ato, de

<sup>5</sup> O termo significa “deserdado”, mas também é usado no sentido de “miserável”.

irreversibilidade, de risco, de decisão. Era o sinal de um além do campo da tradução, no qual reina a reversibilidade, no qual se pode passar de uma língua à outra e voltar atrás, ainda que não sem restos. Nesse momento, percebia-se que o objetivo da análise não era apenas aquele de fazer o recenseamento e a soletração das epígrafes significantes supostas escritas sobre a Pedra de Roseta – monumento dedicado à dimensão do acordo, do entendimento biunívoco –, que rapidamente parei de levar às sessões.

Apreendia-se então que a análise tinha a ver com isso que simbolizo aqui como “a quebra dos ovos”; naturalmente há quebras e quebras. Há ovos quebrados no cesto do Outro (de acordo com uma bela expressão da língua italiana, “*rompere le uova nel panieré*”<sup>6</sup>), cesto que é sempre do Outro, enquanto os ovos são do sujeito); ou as quebras repetidas do passado, com os seus detritos; ou a quebra dos ovos para a omelete analítica – perdão – para a operação analítica, para que a análise não reste como o sonho de uma omelete sem quebrar os ovos.

São esses traços dessas quebras irreversíveis aos quais me encontrei estando atento, parece-me, no trabalho dos cartéis do passe dos quais participei.

*Tradução: Leonardo Pimentel*

*Revisão: Beatriz Oliveira*

## PASSE À LALÍNGUA

*Colette Soler*

Paris, França

Com esse título, podemos questionar o que impôs a Lacan, a partir dos anos 70 - e não antes - as numerosas referências à lalíngua para situar o inconsciente. Eu gostaria de dizer algumas palavras sobre isso.

É a mudança na sua concepção de inconsciente como adaptado à falha do sujeito suposto saber: ele não é discurso, mas um saber cujos significantes não representam o sujeito, mas são coalescentes ao seu gozo. Esses significantes não fazem cadeia, eles fazem série no um-a-um, tanto nas formações efêmeras do inconsciente - sonhos, lapsos - como nas fixações do sintoma. Esses significantes não vêm propriamente do discurso do Outro, eles vêm, ainda assim, disso com que é feito um discurso, todo discurso que se sustente, ou seja, da língua na qual foi feito esse discurso do Outro e, especificamente, do Outro primordial.

Eu creio que é isso que funda a nova e acentuada função que Lacan atribui à *lalíngua* após 1970 e que eu nomeio “passe à *lalíngua*”.

Agora vou tratar da relação das línguas com *lalíngua*. Há, de fato, um desdobramento: *lalíngua* singular do Outro se formula em um idioma particular - francês, inglês etc. - já que existem *línguas* diversas, e até mesmo alfabetos diferentes. Notemos que a psicanálise se desenvolveu em tipos de línguas homólogas e que ela busca atualmente suas marcas em outras mais heterogêneas, como o árabe, mas sobretudo, hoje em dia, o chinês e o japonês. E sabemos que Lacan postulou que a função do inconsciente podia variar conforme o tipo de língua. A partir daí, coloco uma questão que tentarei responder. Isso que nós nomeamos *lalíngua* do Outro primordial não se confunde com o idioma que ele fala, ela é apenas uma amostragem desse idioma recolhida em função de sua causa libidinal. Ela só retém do idioma aquilo é necessário para o seu dizer, o

<sup>6</sup> A expressão italiana é traduzida como “quebrar os ovos no cesto” e significa “destruir os planos ou os projetos de alguém”.

dizer que ordena seus próprios gozos. Mas o que ela retém do idioma está necessariamente assujeitado às capacidades de equívocos e homofonias deste, os quais dependem do registro daquilo que é ouvido. Para que uma língua seja contrária à psicanálise, que propõe a interpretação da fala pela via dos equívocos, seria necessário que tal língua não tivesse essa capacidade, que ela fosse totalmente unívoca. Eu não sei se isso existe, eu duvido, mas, é claro que eu não posso dizer nada assertivo acerca das línguas semíticas e do chinês.

Então, eu me pergunto por que Lacan aplica sua escrita dessa palavra *lalíngua* para diversas línguas e idiomas e encontro uma resposta. Creio que é para significar que uma língua, que é o instrumento de base para tudo o que se formula, é fundamentalmente sonora, portanto, fonemática. Todos os povos sem escrita testemunham isso. Isso tampouco desagrade àqueles que fazem os dicionários, por exemplo o Littré, graças a Jakobson e sua *Fonologia Estrutural*. Lacan, portanto, se esforçou para significar isso na escrita, fazendo um neologismo daquilo que se ouve, como o *discoudrome*<sup>1</sup>, os *trumains*<sup>2</sup>, etc. É pela sonoridade que se instaura a primeira relação entre o corpo da mãe e o da criança, já que o feto, no líquido amniótico, já reage aos barulhos, aos sons. Isso é conhecido. Cronologicamente, o ouvido é o primeiro dos cinco sentidos, o toque vem em seguida. Ora, a maquinaria que é um organismo faz um monte de barulhos, todo tipo de chacoalhada, sem que se saiba o quanto desse barulho todo é a voz da portadora, como dizemos agora, da genitora. De todo modo, era por isso que Françoise Dolto acreditava que o discurso da mãe entrava no líquido amniótico e que, portanto, no fundo, o feto sabia. Com Lacan, mais racionalista, nós podemos dizer que o feto já recebeu as vibrações sonoras emitidas pela mãe, que certamente ainda não são palavras, mas que estarão nas suas palavras após o nascimento. É impressionante constatar que Freud em *O eu e o id* já destacava a função primária do registro sonoro, ou seja, o que é ouvido, na relação de objeto.

Resumindo esse ponto, “o dito primeiro [...] é oráculo”<sup>3</sup>, sim, mas ele se formula em uma certa língua, um idioma do qual ele é só um fragmento. Esse fragmento abriga ainda a multiplicidade inumerável de equívocos, homofonias e ressonâncias sonoras que condicionam a incidência, diria até a intrusão, desse Outro que é o Inconsciente na fala desperta dos sujeitos e nos seus gozos de corpo. A partir daí, a língua materna é o grande reservatório das unidades sonoras com as quais se faz *lalíngua* singular dos Outros originais e *lalínguas* dos inconscientes dos descendentes. No entanto, isso não significa que os inconscientes sejam herdados, já que a seleção de suas unidades linguísticas próprias se faz por uma operação de contingência da coalescência destas com o gozo.

Então, colocamos a questão: esse acento novo e tardio sobre *lalíngua* significa o fim do inconsciente estruturado como uma linguagem? Para mim, de forma alguma. A fórmula indica, sobretudo, que o inconsciente vem de *lalíngua*, mas ele é linguagem (na entrevista de 1973 esse ponto é fortemente acentuado). Em *O aturdido*, ele volta a dizer que as linguagens do inconsciente saem daquilo que não é linguagem, e sim *lalíngua* e que, além disso, essas linguagens dizem respeito ao não-todo, ou seja, não existem duas delas que sejam iguais. Ora, uma linguagem é um nó de significante e de sentido que comporta as três dimensões. Esse não é o caso de *lalíngua*, que é pura *moterialidade*<sup>4</sup>, onde só há cifras, os *uns* do sentido, mas não o sentido. Portanto, sejamos coerentes, o famoso “sou poema”<sup>5</sup>, pelo qual temos muita consideração - e com razão - e mesmo o nó das três dimensões, o que é isso se não a linguagem, onde se enodam as três dí-z-mensões?

<sup>1</sup> Escuta-se, em francês *discours de Rome* (discurso de Roma). Aparece no texto *A terceira*. N.T.

<sup>2</sup> Neologismo de *trou* (furo) e *humains* (humanos). Aparece no seminário *Le moment de conclure*. N.T.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 822.

<sup>4</sup> Neologismo de *Mot* e *materialité* (palavra e materialidade). N.T.

<sup>5</sup> Referência ao seminário de 1976-1977, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. (Inédito), no qual Lacan afirma não ser poeta, mas poema.

Enfim, na psicanálise, que por definição faz uso do método freudiano, sempre se supôs que o inconsciente queria dizer alguma coisa e apenas uma linguagem pode dizer alguma coisa. *Lalíngua*, isso não diz nada, nós a usamos para dizer. De alguma forma, ela é o instrumento do dizer. Quanto ao analisante, é claro que ele vem nos dizer alguma coisa, mesmo se ele não sabe o que, ele quer se fazer ouvir, não apenas no sentido das orelhas, mas também do entendimento<sup>6</sup>. O acento está no dizer e coloco duas questões: o que é que se diz e, sobretudo, por que isso diz? Essa última questão, que aparece na demanda no começo da análise, introduz o que Freud denominou como registros dinâmico e econômico, e que nós traduzimos por desejo e gozo - seja este pulsional ou outro. O acento clínico, portanto, não está em *lalíngua*. Daí a minha questão: em uma análise, na qual se trata do dizer analisante que faz relato, ou seja, sentido, e no qual nós lemos a linguagem de *sua* demanda singular, há algo como um **passé à lalíngua**? Primeira questão.

Há uma outra questão mais geral. A partir do momento em que a psicanálise se ocupa das produções e efeitos do inconsciente, ela encontra o seguinte problema: as *lalínguas* dos inconscientes não falam todas a mesma língua. Isso é verdade para os dois tipos de formações do inconsciente que conhecemos. Primeiramente, para a série sonho, lapso, etc., as formações efêmeras nas quais o inconsciente, ao trabalhar cifrando o gozo<sup>7</sup>, interfere nas intenções do sujeito. Mas não é menos verdade para as formações estáveis que nós chamamos sintomas, cujos traços constituintes também vêm do idioma, ou seja, da língua comum. Os inconscientes fazem passar as cifras, os Uns fora do gozo de *lalíngua* - “madeira morta”, diz Lacan - aos Uns não-mortos, gozados, nunca comuns. A questão é saber se isso é um problema para a psicanálise.

Eu desdubro um pouco a primeira questão, que diz respeito à possibilidade do *passé à lalíngua* nas próprias análises.

Uma análise procede necessariamente pelo sentido. Oras, o sujeito da consciência se reencontra no sentido, ele percebe aí partes da sua verdade. Então, como o didatismo do processo de uma análise que procede pelo sentido vai fazer aparecer a contingência fora sentido das emergências das palavras do inconsciente? É preciso, é claro, que seja possível, o possível sendo a modalidade lógica do “isso que cessa de se escrever”. Toda a primeira parte do *Prefácio à edição alemã dos Escritos* responde a essa questão afirmativamente, indicando que o sentido solidário à linguagem, ou melhor, a corrida em direção à verdade, pode cessar de se escrever. Resta ainda a facticidade dos elementos que emergiram de surpresa, sem a participação do sujeito, no lapso de uma formação sintomática do inconsciente. Lacan diz então que quando a busca do sentido declara derrota, com os uns fora sentido que ainda restam, estamos no inconsciente, esse inconsciente que, de início, Lacan diz ser sem sujeito, depois real, e que é feito de retalhos da *lalíngua* própria de cada um. É preciso, de fato, concluir que para cada falante as palavras específicas que ele não escolheu, que se impõem em seus diversos equívocos [*bévues*], são justamente as suas porque elas são coalescentes ao seu gozo. Nenhum igual ao outro, ainda que para todos... É fálico porque este se define como um gozo ligado às palavras e que “parasita todos os outros”, segundo a expressão de Lacan. Há aí um *passé possível à lalíngua*, às palavras de *seu* inconsciente porque essas são as palavras de seu gozo.

Lacan estaria descrevendo aí um tipo de epifania do fora sentido do Inconsciente, na qual aquele que é sujeito a isso, no final, não poderá senão crer? Mas de que fim se trata aí? Se é o fim do sentido de um lapso, por exemplo, os fins desse tipo são numerosos em uma análise, eles se reiteram na mesma medida da reiteração dessas formações. De todo modo, penso que é isso que explica como, às vezes, no fim de uma análise, se reencontram elementos do começo. Mas uma análise não se julga a partir das formações efêmeras do inconsciente, as quais nunca cessam, mesmo depois da análise. Ela se julga a partir de seus efeitos sobre essas outras formações de gozo que são os sintomas, sobre isso que cessa de se escrever nos efeitos terapêuticos (no

<sup>6</sup> *Entendre* significa tanto ouvir quanto entender. N.T.

<sup>7</sup> ... ou pior e Prefácio à edição alemã dos Escritos. Lacan, J. In: *Outros escritos*, 2003.

sentido banal do termo) e sobre a posição do sujeito em relação a isso que não cessa de se escrever do Um da *fixação* fundamental de gozo que faz suplência à relação faltante. Nesse ponto, sem dúvida, nós podemos dizer o que Lacan diz do lapso: quando não há mais sentido, estamos no inconsciente, tocamos seu real, designado, no caso, como sua letra. O mais opaco, o mais inamovível, o mais indivisível [*impartageable*], o mais inapropriado.

Isso me leva à segunda questão, a das consequências para a psicanálise desse inconsciente-*lalíngua* difícil de pegar. Há alguns aspectos.

Primeiramente, será que isso objeta a que se possa analisar-se em uma língua que não é a sua própria e com um analista que não versado nesta? Já notei que a diferença é menor do que parece, em relação às análises habituais. O analista certamente não pode perceber os equívocos de onde se constituem os inconscientes em uma outra língua, mas o analista que fala a língua do analisante não fala, de forma alguma, sua *lalíngua* privada, íntima; ele ignora o que Lacan nomeou como peso das palavras para seu analisante, já que as palavras de um inconsciente não são necessariamente as palavras raras. Em relação a isso, o analista e o analisante são “esparços disparatados”<sup>8</sup>. Dito de outro modo, eles caem sob o *y a de l’Un* (há do Um) e, a partir daí, só o analisante pode decifrar sua *lalíngua* - mesmo se, de todo modo, o analista possa estar junto na elaboração analisante, como assinala Lacan no fim do *Prefácio*.

Enfim, será que a impossível amizade com seu próprio inconsciente faz objeção à *histeristorização* das análises no passe? Pelo contrário, podemos dizer que a *histeristorização* necessita disso. A *histeristorização* é o desvio pelo relato - e o relato é sempre solidário ao sentido - diante da falta de poder dar testemunho do inconsciente fora sentido. Para esse inconsciente, não existem ex-combatentes que possam dizer “*eu estive lá, senhor*”. Confiamos, então, que o dizer da verdade mentirosa deixará ouvir aquilo que ela não diz, ou deixará induzir isso sobre o que ela mente.

*Tradução: Beatriz Chnaiderman*

*Revisão: Sandra Berta*

---

<sup>8</sup> Mantemos aqui a tradução dos *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 569.

## A TRADUÇÃO PERMANENTE

*Elodie Valette*  
Montpellier, França

Passadora de 2018 a 2020, escutei dois passes em uma língua estrangeira (em inglês), e os transmiti em francês (minha língua materna) para o cartel do passe. Se tratava de transmitir, e de traduzir, tudo ao mesmo tempo. Pareceu-me então que era - paradoxalmente sim - mais fácil transmitir traduzindo do que transmitir como fizera antes com os passes ouvidos em francês.

Por quê? Essa contribuição parte dessa experiência e dessa questão, esclarecendo sobre a minha/a função de passador.

A psicanálise propõe acreditar nas virtudes da língua, não como vetor de comunicação, mas justamente como traço da singularidade radical do Sujeito. Assim, ela propõe, com toda desrazão, criar um dispositivo de fala e escuta entre um que fala uma língua singular e única a outro que não a compreende e também não lhe responde; ela propõe falar apesar disso que Derrida chamava de "monolinguismo do outro" (Derrida, 1996).

O que se passa então, quando no dispositivo do passe, onde se trata de tentar transmitir alguma coisa desta língua singular do outro, esta língua propriamente estrangeira - no sentido do estranho - o que se passa então quando, "além disso" [*en-plus*], esta língua se expressa e é ouvida em um idioma diferente do seu?

No dispositivo do passe, como passadora, logo cedo ficou claro que as questões da transmissão - a imagem que eu fazia disso - pesavam muito e dificultavam tanto a escuta (querer ouvir *tudo*, por exemplo), o momento reflexivo de preparação do testemunho, que finalmente o posterior testemunho próximo ao cartel do passe ameaçou ser parasitado pelo imaginário. Essas angústias do passador foram muito comentadas e não voltarei a elas aqui, exceto para sublinhar o caminho estreito que permite ser um passador mesmo assim, e que consiste, me parece, em aceitar a redução, a perda, o fracasso.

Acredito que seja isso o que pode ajudar o recolhimento do testemunho em uma língua estrangeira. Longe de travar o dispositivo, no sentido de que o deslocamento e as sucessivas operações de tradução diminuiriam a experiência e o despojamento drástico de sua verdade, ouvir em uma língua estrangeira me parece o contrário, permite ao passador de ocupar sua função, talvez melhor. Como?

A experiência que foi a minha me parece ter duas acepções libertadoras quanto a essa delicada função de passadora: em primeiro lugar, a acepção do fracasso: impossível tradução!

Em segundo lugar, um apego à precisão das palavras relatadas pelos passantes, aos significantes: tradução mesmo assim?

Proponho desenvolver esses dois pontos brevemente, precisando o que a língua estrangeira faz ouvir.

Escutar mal é ouvir melhor. Porque sim, numa língua estrangeira, escutar é diferente: a compreensão sendo aquela da língua não materna, existe necessariamente palavras, alusões que vão escapar, que escapam. Existem referências culturais que vão escapar. Ouvir é necessariamente imperfeito. É naturalmente o caso de qualquer escuta, necessariamente parcial, incompleta: mas no contexto da língua estrangeira, isso salta aos ouvidos.

Há outra coisa, que me concerne talvez singularmente. Apesar de um bom domínio do inglês, um traço característico permanece quando ouço alguém se dirigir a mim: o esforço necessário para ouvir com fluidez implica desligar meu diálogo interior. Eu não penso, eu não preparo uma pergunta, uma resposta, não interpreto: eu apenas escuto.

Aceitar essa escuta imperfeita em muitos aspectos é abraçar sua posição de passador e se deixar atravessar. É igualmente renunciar à transmissão da mensagem como um todo, para assumir a busca da transmissão de uma verdade, percebida adicionalmente.

Como no telefone árabe, a mensagem, a carta, esse objeto que circula entre várias pessoas, que chegará ao destinatário, não será o mesmo que foi transmitido. Ele está em compensação à espera de que um pouco da verdade da mensagem chegará ao seu destino.

No contexto de uma escuta que aceita não poder abraçar tudo, o que ouvimos? O que guardamos (retemos)?

Eu tive por prática, durante os diversos passes escutados, de tomar notas quase exaustivas, incluindo muitos verbatim. No caso do inglês, esses verbatim se tornaram marcos importantes estruturando o testemunho, desenhando o fio lógico dele. Eu tomei as notas numa estranha mistura de francês e inglês, constatando a posteriori que as notas em francês diziam respeito a informações factuais que permitiam definir o contexto (informações familiares, etc.) enquanto as notas em inglês consistiam em citações estritas.

Durante o testemunho ao cartel do passe, realizado em francês (ele mesmo traduzido em espanhol, ou brasileiro para os outros membros do cartel, por outros que não eu), foram estes verbatim, estes significantes singulares que estruturaram meu discurso. Eu os citei em inglês, propondo depois uma ou mais traduções que me pareceram pertinentes. Algumas vezes, os membros do cartel me acompanhavam nesta busca pela palavra certa. Que luxo!

Isto não é bem o que se faz quando se relata um testemunho ouvido em sua própria língua, pois a compreensão parece ser "evidente por si mesma". Esses momentos de tradução foram, creio eu, momentos de extrema atenção dada à singularidade do testemunho do passe, à precisão das palavras usadas. Se a escuta é parcial, e assumida como tal, a colocação no coração do testemunho desses verbatim e sua tradução atenta nos permite ouvir melhor, e extrair uma verdade do fio lógico. Além disso, há uma subtração evidente, uma retirada, uma "língua menor" que beneficia o testemunho do passante ou da passante e sua singularidade.

A experiência vai além do problema estrito da tradução-transmissão do testemunho em uma outra língua diferente daquela na qual eu o tinha ouvido. Ela me faz refletir de forma mais geral sobre a função de passadora. Ela me faz, a posteriori, voltar aos testemunhos dos passes que fiz em francês, tanto para a escuta como para a transmissão. O que se trata de fazer passar? Transmitir um testemunho de um passe não é, em todos os casos, ouvir um testemunho em uma língua estrangeira, e tentar fazer passar algo de sua singularidade radical? Em todos os casos, trata-se de uma língua estrangeira, e de tentar uma tradução que "tenha a honestidade de se ater a uma imperfeição alusiva" (Leyris, 1974).

Resumindo, ouvir e dar conta de um passe ouvido em uma língua estrangeira é libertador. Para insistir na dupla distância introduzida pela operação de tradução, eu diria mais precisamente que duas constatações, por mais antinômicas que sejam, se somam na experiência. A primeira, "não há risco de que estas palavras sejam minhas", nos liberta da preocupação de não transmitir, mas de inventar, interpretar, reconstruir, de encontrar um fio que não é o do testemunho, mas aquele que queríamos encontrar nele. A segunda, "sem esperança de que estas palavras sejam delas", nos liberta da impossível busca de fidelidade à palavra ouvida. Não é disso que se trata.

A imperfeição alusiva, que acabo de evocar, está do lado do não saber. Como escreveu Trinidad Sanchez-Biezma de Lander no número 4 de Wunsch em maio de 2006, o momento do testemunho é um momento em que esperamos que um «pouco de verdade se deixe apanhar". Um pouco de verdade impossível de ser completa. A estranheza da língua me parece permitir redobrar a constatação da estranheza radical da língua falada pelo outro, e então trabalhar com esta redução dimensional.

Como um bom passador, vou concluir com as palavras de outro. Emilia Malkorra escreveu no número 4 de Wunsch em maio de 2006: "A única maneira de não ser um elemento contaminante para o passante é precisamente não o ser". Ou seja, de poder colocar em jogo sua destituição

subjetiva a serviço da transmissão. Ser capaz, durante o tempo em que exerce sua função, - e não há garantia, nunca, de que conseguirá fazê-lo - de não interferir com seu imaginário, com sua fantasia. Esperamos que ele possa oferecer um lugar vazio onde o testemunho do passante possa ser alojado e transmitido. De fato, podemos aproximar a posição do passador por um lado da posição do analista - excluindo, é claro, a do sujeito suposto saber, que nada tem a ver com a do passador: estes dois devem “ser bastante morto para não ser pego na relação imaginária”<sup>1</sup>. É esta posição que a estranheza da língua facilita para nós.

*Tradução: Elynes Barros Lima*

*Revisão : Beatriz Oliveira e Sandra Berta*

## PASSAR O DIZER DAS PALAVRAS DITAS, E SUA LEITURA<sup>1</sup>

*Ramon Miralpeix i Jubany*  
Barcelona, Granollers, Espanha

Na análise, não só, mas fundamentalmente, se fala. No falar estão o dito e o dizer, sobre os quais pode operar o analista. Se pode fazê-lo é pela con-fusão, pela convergência, na *lalangue*, das produções de que o bebê gozou na lalação, e o que se cola a essas produções: as produções – palavras – da mãe que desse modo injeta o Outro da linguagem, articulando aquelas produções do bebê. É a partir daí que a palavra, qualquer palavra, está, desde esse momento e por essa razão, contaminada por esse ponto de coalescência entre o Um daquele gozo e o Outro. Para dizê-lo de outra forma, a palavra no *parlêtre* está encarnada, por definição.

Há também a linguagem. De fato, a palavra em sua função e a linguagem em seu campo se requerem mutuamente. Do tecido entre a palavra e a linguagem é testemunha a subordinação da palavra ao discurso – nesse sentido, sabemos que o discurso pode transformar até subverter o sentido da palavra: não é preciso mais do que escutar alguns políticos justificarem que encurralam seus adversários por suas palavras, em nome da liberdade ou da democracia. Além disso, não somos seres de linguagem a não ser pelo fato de que falamos e, nesse falar, temos aquilo que da palavra se articula na linguagem, na cadeia significante, e temos a matéria de que está feita e, como tal, sempre signo de um gozo que não pode ser articulado.<sup>2</sup>

Na sopa de palavras faladas, temos aquelas extraídas a partir da lalação pela amarração ao Outro materno de certas produções, e temos as palavras que, provenientes do Outro, por ocupar o lugar “do dito primeiro” – na verdade, do escutado primeiro –, têm uma função de significante  $S_1$  oracular constituinte, que a partir do genealógico determina o sujeito do significante<sup>3</sup>.

Esse primeiro dito do Outro, apofântico<sup>4</sup>, precisa se engrenar no gozo do corpo, do qual a lalação é, aqui, o paradigma do fato, real, da criação do leito no qual correrão as primeiras palavras. Os ditos apofânticos escutados do Outro e o dizer apofântico, existencial, farão dobras

<sup>1</sup> Lacan, J. (1955-1956). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 186.

<sup>1</sup>Mesa com Elodie Valette, Nadine Cordova-Nataily, coordenação Marina Severini e Carmen Dueñas.

“Passar o dizer das palavras ditas, e sua leitura” *Passer le dire des mots dits, et leur lecture (Mots dits, maudits)*

<sup>2</sup> Ver Colette Soler. “Retorno a la <función de la palabra>” Curso no Colégio Clínico de Paris 2018-19. EFHCL-IF-EPFCL, p.153.

<sup>3</sup> Op. cit. pp. 156-7.

<sup>4</sup> Apofântico refere-se ao existencial, não ao proposicional.

no inconsciente, linguagem e real. E ambos os fundamentos da estrutura (a que marca o que se estrutura e o que fica fora) serão o suporte dos dois tipos de  $S_1$  que interessará alcançar na análise: os que darão lugar aos Ideais do Outro, que se inscreverão como Ideais do Eu [I(A)] e que trançarão as identificações sucessivas sobre as quais a análise deverá pintar uma mão de solvente; e os  $S_1$  do Um-todo-só<sup>5</sup>, que dão conta do gozo original e perdido, que a análise pode chegar a delimitar.

Trata-se do passe. Em um primeiro nível, em seu procedimento estão as palavras efetivamente ditas pelo passante e as que foram escutadas, e como foram escutadas, pelos passadores; mas, além disso, está o *falasser* [*parlêtre*], isto é, sua presença, com as modulações da enunciação, com a imagem com a qual se apresenta e também com seu corpo como caixa de transmissão e ressonância, e, portanto, o que se transmitiu também através dessa imagem e desse corpo. Em um segundo nível estão as palavras de cada passador, transmitidas em um enunciado e em uma enunciação próprios, com suas palavras efetivamente ditas. Também, nessa “transmissão”, estão como *falasser* [*parlêtre*], com sua imagem – esse é um espaço muito amplo que vai desde as consequências supostas por e para o passador (por exemplo, quanto ao reconhecimento) até a posição com a qual se apresenta e a partir da qual fala: analista, secretário, ingênuo... –; e esses passadores, enquanto *falasseres* [*parlêtres*], estão também com seu corpo como caixa de transmissão e ressonância na apresentação do passante ante o cartel do passe. De tudo isso, da “apresentação” dos passadores como *falasseres* [*parlêtres*], e das palavras ditas que circunscreverão o não dito – e aí está tanto o supérfluo quanto o impossível –, os membros do cartel deverão extrair o dizer<sup>6</sup> do passante e ler<sup>7-8</sup> naquilo transmitido desde a fórmula da fantasia fundamental, a queda das identificações, a dessuposição de um sujeito ao saber, chegando à letra idêntica ao núcleo de gozo do sintoma, e até o desejo do analista... ou parte disso tudo.

Se digo que os membros do cartel deverão extrair o dizer do passante, pode parecer estranho, pois o dizer tem um estatuto existencial, suposto axiomático à palavra e à linguagem e que, portanto, não inclui nenhum atributo a se julgar: há ou não há. Todavia, esse dizer se atualiza continuamente como o “ir dizendo”. É aí, nesse “ir dizendo”, onde estão em jogo os elementos que, sem estar incluídos no dito, o causam e o condicionam, pois a atualização do dizer no “ir dizendo” estaria estreitamente relacionada com a enunciação, mas não só, já que o outro lado da moeda do “ir dizendo” é o “ir escrevendo” o poema do *falasser* [*parlêtre*] no transcorrer de sua vida. Inclusive, mais além disso, o dizer é o índice que assinala a coalescência original entre o gozo e a palavra e a linguagem, entre o Um-todo-só e o Outro. Então, extrair o dizer do passante passaria por ler o poema escrito até agora, até o momento do passe, e essa leitura passa pelo “medium” do procedimento e o que se espera dele sem saber o que é. Na escuta dos passadores acontece algo parecido ao que pode ocorrer durante a leitura de um bom livro, em uma visita a uma exposição, na escuta de um concerto ou em um espetáculo de dança. Pode ser muito belo, bem construído, ou enfadonho, mas, em um instante – enquanto se lê o livro, se visita o museu, se escuta o concerto ou vemos o movimento dos bailarinos – alguma coisa passa, algo que tem, ao mesmo tempo, continuidade com o que o precede e que, contudo, marca um salto, uma descontinuidade, um furo, algo que nos remete a um plano diferente. O que passa, necessariamente, não é somente a “hystoria” do passante, mas também seus vazios, seus silêncios.

<sup>5</sup> “Será que o Um-dizer, por se saber Um-todo-só, fala sozinho? Não há diálogo, disse eu, mas esse não-diálogo tem seu limite na interpretação” [Lacan, J. (1972) ... ou pior. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 548.

<sup>6</sup> Nguyên, A. *Cuando solo quedan las palabras*. O dizer que “rescinde seu sujeito” (p. 110) e “Por que levar aí o dizer? Porque, nesta via, com um  $\times$  (voz) ou com um e (via) 1, terá a possibilidade de encontrar, de aceder ao real” (p. 113)

<sup>7</sup> Lacan, J. (1973) Posfácio ao Seminário 11. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 504 (sobre o ler): “Já seria razoável que o ler-se fosse entendido como convém, ali onde se tem o dever de interpretar”.

<sup>8</sup> Nguyên, A. *Cuando solo quedan las palabras* (sobre o ler): “O sujeito esquece que fala e, se não esquece que fala, esquece de que se requer outra função, e não somente reservada ao analista: fala, mas também tem que ler” (p. 104)

Penso que do que se trata é de conseguir ler esse algo que salta, esse corte na continuidade do discurso, naquilo em que se pode cheirar o real que não pode ser dito<sup>9</sup>. A “hystoria” pôde dar conta certamente dos esfacelamentos tanto da fantasia quanto das identificações e da suposição do sujeito ao saber. Depois restará ainda decidir se isso que passou “sem querer” – graças e apesar da hystoria – marca, in-equivocamente, a passagem ao desejo do analista, ou o nome do sintoma. E, mesmo depois de recolher esse saber transmitido, poder fazer clínica dele, isto é, outro saber pelo simples fato de traduzi-lo ao discurso das palavras fazendo uso da linguagem e compartilhá-lo, para continuar avançando a partir do um a um, a um, a um.

Na prática, algumas dificuldades se apresentam – e, talvez, o confinamento as tenha posto em destaque – como a composição plurilíngue dos cartéis e a dificuldade idiomática entre falantes de línguas diferentes e, por vezes, com muito pouco conhecimento da língua em que fala o passador. Sem tirar o valor de toda essa dificuldade, mas de modo algum compensando-a, é preciso levar em conta ao menos duas coisas que podem fazer contraponto: há muitos analisantes que se analisam em uma língua que não é a sua, e isso, na maioria dos casos, não é um impedimento para haja análise: uma chave para que isso seja possível, além da transferência, está no fato de que o analista não vai dar destaque à significação do dito, mas fundamentalmente ao real do gozo em jogo no “ir dizendo”. Esse destaque é o mesmo que devem dar os membros do cartel do passe ao discurso do passador. Porém, creio que podemos afirmar que, da mesma maneira que há uma *lalíngua* francesa, catalã, italiana ou inglesa, e, mais além do jargão, há uma *lalíngua* psicanalítica<sup>10</sup> comum entre os que tivemos a experiência da análise até o final, definida pelo estar marcadamente advertidos do equívoco por estrutura e do gozo do Um, que podem tocar, ressoar no corpo dos membros do cartel. Com isso, quero simplesmente assinalar que, se é muito melhor conhecer a língua do passador, na medida do possível, os membros do cartel hão de se situar no modo leitor do que passa entre as palavras do passador, tanto ou mais do que no modo escutador ou “compreendedor”.<sup>11</sup>

A outra dificuldade, a maior, para a transmissão do passante aos passadores, dos passadores ao cartel do passe, mas sobretudo do cartel do passe à Escola e ao mundo, é a aporia do dever situar no plano do sentido o que é da ordem do real<sup>12</sup>. Seria mais fácil se dispuséssemos de uma escrita matemática pela qual pudéssemos unir simbólico e real, mas, pelo momento, não é assim, e provavelmente não o seja nunca, por uma razão: a impossibilidade de desligar o que se diga da particularidade de cada experiência. Toda aproximação possível será assintótica. Isso já é muito. De qualquer modo, a posição conveniente ao membro do cartel do passe é a de analisante advertido para – como diria Albert Nguyên – des-esquecer o dizer original em que se sustentaram os ditos do passante.

*Tradução: Maria Claudia Formigoni*

*Revisão: Beatriz Oliveira*

<sup>9</sup> Em outra ocasião, falei do consoar por simpatia, como a corda de um instrumento que soa “sem querer”, ao soar uma nota em outro instrumento.

<sup>10</sup> *Não é a psicanálise o aprendizado dessa língua singular esquecida sob os ataques do Outro e da ordem fálica do discurso?* Nguyên, A. *op. cit.* p.108.

<sup>11</sup> «... *Perquè la poesia és, per a qui l'escriu, aprendre a escriure's ell mateix. Per a qui la llegeix és aprendre a llegir-se.*» Joan Margarit. Inèdit. Ed. Proa 2021. “Porque a poesia é, para quem a escreve, aprender a escrever a si mesmo. Para quem a lê é aprender a ler-se”

<sup>12</sup> “*Resta a questão da transmissão desse saber analítico e, portanto, do ato já que é preciso considerar que o essencial da transmissão depende disso. A transmissão de um saber inconsciente, saber real, não é eficiente a não ser que o analista tenha tomado ele mesmo a medida desse saber e de suas implicações na prática e no campo do discurso.*” A. Nguyên. Cuando sólo quedan las palabras. p.51

## RAIZ ÚNICA

Nadine Cordova-Naitali  
Paris, França

### Introdução

Eu agradeço Elisabete Thamer de ter me solicitado para tentar dizer algo sobre o tema «Língua(s) e passe». O que nos ocupa hoje não havia suscitado em mim verdadeiros questionamentos até hoje. Eu confesso que eu nunca me perguntei se as diferentes línguas presentes nos cartéis do passe tinham um impacto sobre o conjunto de testemunhos dos passantes e sobre a nominação. A dimensão internacional de nossa Escola e as traduções orais e escritas que as ligam me pareciam uma evidência, os cartéis do passe estando nesta lógica.

Eu gostaria de destacar que nos sucessivos CIG, o tema das línguas no passe está bem presente já que ele está escrito no regulamento interno do Colégio Internacional de Garantia e só concerne aos passadores. Estes últimos devem ser da mesma língua do passante ou de uma língua que o passante fale. O que quer dizer que nesta etapa do procedimento uma mesma língua parece necessária para o testemunho direto. Entretanto, nada é determinado para os membros do cartel, por que no fundo, eles são representantes dos diferentes dispositivos de Escola que cruzam diversas zonas geográficas e de fato várias línguas. É uma escolha de nossa Escola, uma aposta nesta dimensão internacional. Se esta pode às vezes complexificar os intercâmbios, tomar muita energia, tempo, pode criar atritos, ela nos tira de nossa intra territorialidade, de nossos limites. Ela nos obriga ao movimento, a repensar nossos funcionamentos, ela nos faz atravessar nossas fronteiras.

Se esta opção propicia abertura, eu me pergunto se a presença de muitas línguas no cartel do passe não teria um outro propósito? São as traduções *realizadas* pelos membros no seio dos cartéis efêmeros, que eu convoco agora. Estas traduções teriam um efeito sobre o testemunho dos passantes? Como garantir que o testemunho é passado de uma língua para outra? Então, língua(s) e passe/dispositivo... isso passa ou não passa?

### Passador e tradução

Eu participei de vários cartéis do passe e apesar de minha relação complicada com as línguas estrangeiras, eu tiro dessa experiência a seguinte constatação: qualquer que seja a língua dos passadores e dos membros do cartel, eu não fiquei constrangida de escutar os testemunhos indiretos e participar das elaborações. A cada vez, nós separamos o tempo necessário para chegar a uma conclusão, nomeada ou não nomeada. Eu fiquei particularmente sensível a atenção que cada um, *monolíngue* ou não, dava para a transmissão dos passadores, dos tradutores e ao que se desenhava progressivamente no trabalho de grupo, apesar ou graças ao cruzamento de línguas. Porque eu tenho a ideia que isso funcionou, que isso funciona?

Parece-me que o encontro de várias línguas no cartel pode reforçar o trabalho sobre o testemunho do passante restituído pelos dois passadores. Eu ousarei mesmo adiantar que esse encontro ecoa de uma certa maneira a uma das funções dos passadores no dispositivo. Se o passador é um intermediário entre o passante e o cartel-júri, as traduções são também um intermediário de um outro tipo. Com efeito, o fato que alguns não compreendam uma língua provoca escanções, cortes no texto do testemunho já filtrado que obrigam o cartel a parar, a re-precisar certas palavras, frases, esclarecer certas imprecisões, formalizar o que ressoa de uma língua incompreendida ou mal compreendida, criam silêncios, ressaltam mal-entendidos até mesmo os destacam. As traduções efetuadas, pelas circunstâncias, por um ou mais psicanalistas-tradutores reduzem, eu acredito, os eventuais desvios de sentidos de uma língua, e a fascinação

que poderia suscitar um testemunho. O fato de várias línguas se cruzarem não teria o efeito de mobilizar sutilmente o cartel, como se não fosse nada, e de lançar luz sobre o testemunho desde diferentes ângulos. “Tradução” quer dizer “fazer passar ... de uma língua a outra”, um passador em suma a exemplo do passador que tenta fazer passar o testemunho que ele recebeu. Há nos dois casos, inevitavelmente, perda.

Este duplo filtro “Filtro dos passadores, filtro das traduções” serve, creio, ao testemunho pois um filtro é também peneira. E nestes espaços perdidos e incertos, pode passar outra coisa. Tendo ouvido na minha infância, eu nunca compreendi ainda que ... nem tudo se pega pelas palavras, mas também pode se pegar pelos sentidos, enfim, mais exatamente pelo que ressoa, como se isso se compreendesse aliás. E, além do mais a língua de Lacan, quando a gente a conhece, não é ela tão estranha quanto estrangeira e familiar? E a língua do analisante, não é ela inclusive língua estrangeira para o analisante?

### Relação à língua

Se eu escolhi como título “Raiz única”, é justamente para tentar cernir o que se pode passar de uma língua estrangeira. Primeiramente, enquanto falante nós temos uma raiz comum, nós somos todos submissos à castração, é nosso bem comum, nossa porção, igualdade a esse respeito. E, essa raiz comum nos impulsiona a fazer laço. Somente, há os mistérios dos corpos falantes. Os efeitos da tomada da linguagem sobre o corpo são a cada vez singulares. Porque nós temos um corpo, raízes diferentes, a castração tem sempre uma cor inesperada que faz a nossa diferença absoluta e nos faz provar esse “único”. Assim, “raiz única” nos dá não somente um ponto de junção mas destaca também uma radical separação com outros que provém de onde nós viemos. Nossas raízes falam também por nós.

Se eu escolhi o termo raiz, não é somente para destacar que nossa língua de origem nos afeta, mas também para colocar em evidência a presença do que resta da matéria da língua recebida. O ser falante, é “o húmus da linguagem” afirmará Lacan. Se ele emprega esse termo não é por simples metáfora. Nós somos efeitos da linguagem ao qual não seria nada mais sem encontrar o vivo. O que quer dizer que o sujeito e sua língua mergulham nas suas raízes no aparelho que se encarna a cada vez diferentemente com pedaços que sobram na terra, mas que agem.

Os carteis internacionais têm que autenticar o *do psicanalista* no que emana dessa perturbadora raiz? Único(a) raiz são na minha opinião dois significantes que abraçam aqueles e aquelas que experimentaram em uma análise uma virada sem retorno. O cartel não se deixa convencer quando a elaboração objetiva uma convicção que o passante apoia em uma raiz que perfura, ousarei dizer uma raiz etimológica? Paradoxo da experiência... e dos carteis de passe que autenticam então o que é o mais enigmático para agarrar, o desejo do analista.

Assim, saído dessa raiz que colonizou e tingiu a língua que nós falamos até os nossos gestos, cada um tem uma sensibilidade à sua língua de origem, o que quer dizer que nós não falamos a mesma língua mesmo em uma língua comum. E nós não reagimos da mesma maneira à escuta de uma língua estrangeira aprendida ou não. Em consequência, nos carteis nós nos encontramos compartilhando uma variedade de línguas e de corpos afetados. Então, como os membros do cartel vão escutar a língua do passante via os passadores e via as traduções? Qual língua vai federar um cartel?

Eu responderei que, apesar da língua, a sensibilidade, a cultura de uns e de outros, cada um escolheu estar lá com outros para escutar o que a língua produziu em um inconsciente, e as consequências que tiveram para um sujeito, uma análise; fez-lhe provar, encontrar sua língua estrangeira e o que fura a sua estrutura? Alguma coisa do testemunho terá passado as fronteiras dos passadores, das línguas e das traduções? O cartel, advertido do mal-entendido fundamental do falante, lhe confirmará o recebimento?

A respeito do que precede, trata-se para o cartel, nem de se deixar embalar pela ilusão de um sentido exato, nem de idealizar que dirá de delirar sobre o fora de sentido, mas de seguir passo a passo o texto do testemunho com sua tessitura, seus tempos lógicos, seus obstáculos e seus brancos que não são sem deixar passar afetos e clarões. O cartel oscila então entre o que se pega, o que é um pouco mais embaçado e o que ressoa de uma raiz singular. E depois, há um momento que se impõe, isso se encontra ou não, isso passa ou não. Poderia se dizer que a elaboração se fecha e termina em uma precipitação, o cartel conclui. Os efeitos da tradução terão achado um lugar no trabalho de elaboração e participado da conclusão. Parece-me, com efeito, que a presença das línguas nos faz frequentar, tocar um pouco mais no real da estrutura. Ao menos, é o que eu extraio da minha experiência.

**Para concluir:** eu levei um tempo antes de tomar consciência que a escola de Lacan não era internacional como se ela sempre tivesse sido isso para mim. Então, na época de Lacan, os júris deveriam ser em francês, entretanto a nomeação não estava ela já na ordem do dia, questionada e até mesmo idealizada? Hoje, a questão não é ainda a mesma: por que um sujeito quer ocupar esse lugar de analista? Por que ele se apresenta ao passe? E, o que pode nos ensinar a experiência dos cartéis do passe multilíngues sobre o desejo do analista?

*Tradução: Luciana Guarreschi*

*Revisão: Sandra Berta*

## CONCLUSÃO

Camila Vidal  
Vigo, Espanha

Chegamos ao final da primeira parte desta Jornada de Escola: Língua (s) e passe.

Um título que suscitou, não sem surpresa para a comissão, alguns textos bastante pessoais, mas para os quais a intervenção de Colette Soler talvez nos permita dar-lhes o devido lugar, quando nos diz: “Será que a impossível amizade com seu próprio inconsciente faz objeção à historicização das análises no passe? Pelo contrário, pode-se dizer que é o que necessita da historicização. A historicização é o retorno através do relato - e o relato é sempre solidário do sentido – na falta de poder testemunhar do Inconsciente fora do sentido ... ”

Foi uma jornada com um denominador comum, a constatação do acerto na constituição, sem dúvida inovadora, dos cartéis internacionais e, portanto, plurilinguísticos, como apontou Elisabete Thamer em seu texto de apresentação.

O interessante trabalho de Anastasia Tsavidopoulou, nossa última AE, sem dúvida é abundante nesta primeira vertente, mais estrutural, se preferirem, da "solitude de *lalíngua*" encontrada e renovada a cada momento crucial do tratamento.

Ouvimos como a passagem de uma língua para outra, longe de simular uma tradução "onde reina a reversibilidade" como Mario Binsco nos disse, tradução impossível por outro lado, como foi apontado, facilita a "conquista" de um dizer, fosse este ou não "causado por um real imutável do princípio ao fim”, retomando a pergunta colocada por Josep Montseny, destacando a afirmação de Colette Soler de que “... apenas o analisando pode decifrar sua *lalíngua* ”

A segunda mesa nos trouxe, de formas diferentes, o produtivo da perda, do furo, para "alcançar a leitura desse algo que emerge" como nos disse Ramón Miralpeix, “espaços perdidos onde outra coisa pode passar”, cruzamento de línguas que permite "aflorar um pouco mais o real da estrutura" nas palavras de Nadine Cordova-Naitali.

Gostaria de destacar a interessante formulação de Elodie Valette que também aponta justamente para o *um dizer* novo que se produz no trajeto de uma língua a outra: "nenhum risco de que essas palavras sejam as minhas", "nenhuma esperança de que essas palavras sejam as suas" pelo efeito liberador que produz para o passador, se se consente essa perda.

Enquanto escutava os trabalhos e os debates que as diferentes mesas iam produzindo, me vinha à memória algo quase esquecido do feliz encontro que a inexistência de uma boa tradução dos textos de Freud em francês- ao contrário do espanhol com a tradução de López Ballesteros ou em inglês com a Standard Edition - produziu para a psicanálise: a leitura em alemão por Lacan dos textos de Freud e me pareceu óbvio que algo desse "cruzamento de línguas" teve relação com o resgate que Lacan conseguiu realizar do dizer de Freud e da possibilidade de interpretação do seu gozo.

Um fracasso frutífero que contribuiu para a criação do que hoje chamamos de Campo Lacaniano. "Solitude de *lalíngua*", solidões reunidas como nos lembrou Anastasia, que permitiu não só, como disse, resgatar o dizer de Freud, mas também o aparecimento de *um dizer* novo, o de Lacan.

Não esqueçamos que Lacan não fez uma tradução de Freud, nem a promoveu sequer, apesar de deplorar a existente; também não propiciou nenhum seminário de leitura dos textos freudianos. Produziu *um dizer* que hoje nós nos esforçamos, com melhor ou pior sorte, para fazer presente no mundo, esperando o que possa produzir-se, de que algo novo possa produzir-se.

Com esta "escolha da nossa Escola", talvez tenhamos feito como ele fez, sem imitá-lo, não é pouco.

E talvez possamos falar um pouco sobre isso na mesa redonda que teremos a seguir e para a qual passaremos imediatamente.

*Tradução: Maria Luisa Rodriguez*

*Revisão: Beatriz Oliveira*

# IV JORNADA INTERAMERICANA DE ESCOLA

## A ESCOLA FRENTE À URGÊNCIA: RESPOSTAS? RESISTÊNCIAS?

### ABERTURA IV ENCONTRO INTERAMERICANO DA EPFCL

*Fernando Martínez*  
Puerto Madryn, Argentina

*Nada há de criado que não apareça na urgência, e nada na urgência que não gere sua superação na fala. Mas nada há, tampouco, que não se torne contingente nela, quando chega para o homem o momento...<sup>1</sup>*

“A Escola frente à urgência. Respostas, resistências?” é o título que produzimos juntamente com meus colegas da comissão organizadora: Sandra Berta, Julieta De Battista, María de los Ángeles Gómez e Beatriz Oliveira; e que nos convoca a esse IV Encontro Interamericano da nossa Escola.

Toda nossa prática foi mexida em suas formas e em seus meios frente à emergência mundial do vírus de Covid-19. Este evento trouxe novamente à cena psicanalítica a reelaboração de noções e conceitos que estavam, de alguma maneira, estandardizados, como espaço, tempo, realidade, ficção, virtualidade e, sobretudo, um fundamental: corpo.

Neste contexto, impunha-se também a urgência de sustentar tanto nossa prática cotidiana quanto nosso trabalho de Escola, acima de tudo nos dispositivos que a fazem funcionar e a justificam: cartéis e passe.

No percurso que realizaram nossos colegas convocados para as mesas de trabalho de hoje, poderemos nos reconhecer na vontade de sustentar tal funcionamento: escutaremos, por um lado, as urgências com as quais estamos habituados a trabalhar como analistas, mas também a urgência imperativa de sobreviver, neste caso, como comunidade de trabalho.

Contamos com uma mesa composta por nossos AEs em função, que colocarão ênfase no primeiro aspecto: o que urge a nível subjetivo como novidade, mas também o aspecto de resistência no trajeto de um tratamento singular e o que o passe permite produzir.

Em segundo lugar, contamos com uma mesa composta por integrantes do CIG anterior, do atual e um integrante representando a CLGAL, cujos trabalhos abordarão a seguinte questão: Existe um empuxo ao passe? Pergunta que surgiu em nossas reuniões de trabalho e nas experiências nos cartéis do passe, mas que também manifesta aquilo que acontece frente à urgência da Escola de responder à demanda de um passe, questão que também precisou ser reformulada para a continuidade do trabalho. A pergunta também faz referência às precipitações

---

<sup>1</sup> Lacan, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*, pág. 242. Rio de Janeiro: Zahar.

ao passe e ao que aparece, muitas vezes, como imperativo ideal, produto do trabalho em direção à Escola.

Frente a toda essa urgência, a tecnologia forneceu sua contribuição ortopédica, permitindo colocar o corpo, subtraindo-o, paradoxalmente, diante do perigo do encontro físico. Como toda ortopedia, isso possibilitou a função do membro ou da parte ausente. Esse fenômeno provocou um trabalho mais estreito entre muitos integrantes da nossa comunidade, mas também reduziu todo o trabalho a um só plano: o da tela.

E aqui estamos hoje, nessa tela, no mais puro estilo Andy Warhol – que, segundo a filósofa Esther Díaz, antecipou-se à estética das videochamadas múltiplas. Mãos, rostos, acidentes e sopas enlatadas repetindo-se ao infinito. A foto de Marilyn é a mesma, mas em cada repetição é diferente. Não apenas por variações cromáticas, mas também por disposição espacial: a de cima, à direita, não é a de baixo, à esquerda, e assim sucessivamente. Essa concepção estético-conceitual toma vida nas videochamadas coletivas, reuniões de trabalho, educacionais, políticas, sociais, orgias, missas e outros agrupamentos remotos. O Zoom mostra muitos quadradinhos iguais, mas, em cada um, há uma imagem diferente. O uso do corpo na virtualidade é comparável com a perda da aura, na época da reprodução técnica.<sup>2</sup>

Qual será a próxima urgência que teremos que atender na nossa Escola?

A supersaturação de atividades ofertadas de modo on-line são cultivadoras do discurso analítico ou se ofertam como mais um produto a se consumir, na voragem cotidiana, sem corte, sem elaboração?

Me aventuro a apostar qual será nossa próxima urgência que, como toda aposta, está impregnada de desejo: acredito que nossa próxima urgência será a de recuperar a erótica do encontro dos corpos, os de carne e osso; esses que, além de falar, riem, vibram, trabalham, celebram e, às vezes, também se silenciam juntos. Talvez o encontro material dos corpos-falantes na mesma atmosfera seja, em breve, quase o único ato político de resistência frente à tendência à redução da existência humana ao algoritmo, à imagem e à cifra que esta pandemia permite entrever.

Enquanto isso, esperançosos com a possibilidade desse reencontro em nosso Encontro Internacional de Buenos Aires do próximo ano, inauguramos por esta via a IV Jornada Interamericana da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Sejam todos bem-vindos.

*Tradução: Leonardo Pimentel*

*Revisão: Beatriz Oliveira*

---

<sup>2</sup> Díaz, Esther. “Nostalgia de la carne”. Publicado no jornal Página/12 em 10 de novembro de 2021.

## A SATISFAÇÃO QUE MARCA O FINAL DA ANÁLISE. E ALGUMAS DE SUAS RESISTÊNCIAS...

Alejandro Rostagnotto  
Córdoba, Argentina

*A miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira (é a isso que se chama resistência, em termos polidos), não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise.*

*Posto que dar essa satisfação é a urgência que a análise preside, interroguemos como pode alguém se dedicar a satisfazer esses casos de urgência.<sup>1</sup> (Prefácio à edição inglesa do Seminário 11, O. E., pág. 568-569).*

### Introdução

Essencialmente, para Freud, a urgência é o estado ou trabalho psíquico do aparato anímico que consiste em desviar a dor e restabelecer o princípio do prazer. Esclarece que o eu deve buscar renunciar à satisfação imediata, postergar a aquisição de prazer, suportar determinadas dores e renunciar a certas fontes de prazer. O Eu *aprende* a ser razoável e não se deixar dominar pelo princípio do prazer, *adaptando-se* ao princípio de realidade<sup>2</sup>. A partir destes preceitos, a psicanálise inglesa, sobretudo a partir de Anna Freud, infere erroneamente que esta função do eu é a que o analista deve fortalecer, tornando forte o eu. Este modo ortopédico e pedagógico está presente cada vez que qualquer analista (não somente da escola inglesa) opera frente à urgência fazendo as vezes de *Ich*. Não é esse sentido errado, de urgência, que quero colocar diante da vossa consideração. O impulso ou *Drang* pulsional que nos urge por igual, a todos, exige satisfação plena, diz Freud, tenta repetir e restabelecer a vivência primária diante da qual nenhuma formação substitutiva nem reativa será suficiente, urge para sempre enquanto haja corpo vivente que o suporte. Nesse sentido, podemos recordar a citação de Freud em referência a Mefistófeles, em *Fausto*: incita, indomável, “vá para a frente!”<sup>3</sup>.

No campo lacaniano, sabemos que a dor moral, a pena, o pesar, a aflição, a dor psíquica, nos mostram a urgência como um impasse subjetivo devido à falta de resolução ou tramitação da causa da formação do sintoma. Embora pudéssemos incluir a dor como correlato de outros afetos, e fundamentalmente como uma resposta ante o real – resposta já não do aparato anímico ou da alma, como o chamava Freud, senão como uma resposta do *parlêtre*, tal como Lacan apresenta a partir do Seminário “Mais ainda”. A urgência subjetiva, quando se produz, quando não há com que sustentar a cena do mundo, quando “a alma deixa de saber o que soube por muito tempo” (Sêneca. As troianas) ... podemos chamá-la de angústia, o encontro com o real, registrado pelo corpo falante. Por outro lado, há também uma dor masoquista que não necessariamente se articula com a urgência, que não se torna urgente, mas persiste servil à fantasia e, em última instância, sustenta o Outro pela via da alienação ou da separação falhada.

<sup>1</sup> Lacan, J. (1973) “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

<sup>2</sup> Freud, Sigmund (1917). “Conferências introdutórias à psicanálise”, lição XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XVI, Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

<sup>3</sup> Acrescenta que o caminho para a satisfação plena geralmente é cerceado pelas resistências, o que ocasiona que as repressões se mantenham em pé. Cf. Freud, Sigmund (1920). “Além do princípio do prazer?”. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XVIII, Rio de Janeiro: Imago editora, 1976, p. 28.

Somente se torna motivo de urgência quando sua disfuncionalidade deixa o sujeito no desamparo<sup>4</sup>.

### A urgência que preside (rege, ou regula) a análise

Esse tipo particular de urgência, a que rege a análise, é diferente. Trata-se da *urgência que marca o final da análise e ela consiste em uma satisfação*. Esta satisfação obtida, não-toda, não-plena, se distingue da variedade de satisfações que a mesma análise fornece, como por exemplo a satisfação da extração do sentido, ou a que aparece mais cedo na análise, a satisfação de formalizar a demanda. Em distintos momentos da análise a satisfação se apresenta como um alívio, como paliativo ante a angústia (um remédio, remendo ou arremedo do deus desfalecente e obscuro, dado que finalmente são o mesmo remendo).

Em meu caso, a satisfação no deciframento do inconsciente marcou a temporada mais longa de minha primeira análise. Gozar do sentido obtido, como pérolas de verdade, pode fazer de nós não muito mais que um débil mental, enquanto a veracidade do sujeito suposto saber permanece venerada, idolatrada religiosamente ou fetichizada; finalmente, essa formação do inconsciente perde sua operatividade, se enrarece e fica finalmente a serviço das resistências, como assinala Freud que se resiste a analisar as resistências<sup>5</sup>.

Não obstante, a entrada em análise e a produção do sujeito suposto saber do inconsciente produzem benefícios (é um bem e é necessário assinalar sua ética) tais como extrair do inconsciente o sentido como causa do sintoma, ocasionando assim um alívio do sofrimento. Destaco aqui que é necessário que essa experiência simbólico-imaginária se torne real. O que nos cura, o remédio, o fármaco pode ser iatrogênico se seu uso for crônico. A extração do sentido do sintoma não tem outra razão de ser senão preparar o caminho de uma via real. Essa vertente não se consegue com a negação do sentido, nem com a produção do sem-sentido ou a mera aceitação de que não há sentido do sentido. É mais uma ausência que lança luz sobre nossa origem de linguagem e os gozos que ali se enodaram desde um princípio. Gozos, satisfações que se fixaram no momento inicial em que nos captamos como seres da palavra, de linguagem. Donde resulta necessário que o sentido seja esgotado, gasto, e essa é uma etapa prévia necessária para o advento ao real do inconsciente. Fato esse tão mobilizador quanto o desencadeamento do inconsciente que põe em ato sua realidade sexual na transferência, no início mesmo da análise.

Optar por esse real, por esse campo lacanian, marca uma opção ética que implica reinventar-se, reinventar a análise e, em certa medida, reinventar a psicanálise.

Nesta perspectiva, a subversão que a análise propõe implica uma mutação do sujeito suposto saber do inconsciente ao ser falante. O *parlêtre* deve (imperativo ético) substituir o sujeito do inconsciente e suas formações, para permitir uma ontologia corporal, sexuada e pulsionante.

Em meu caso, toda uma temporada de análise assujeitado ao deciframento da letra como posição do significante no inconsciente, como sentido do Outro, pôs em evidência uma sensibilidade ou labilidade em habituar-me à interpretação. Como diz Lacan, “isso foi ainda mais fácil na medida em que há muito tempo ela é ali feita, pela religião<sup>6</sup>”. Creio que nesse mesmo sentido podemos dizer, com Lacan, que isso a que o pensamento se furta (pensamento religioso, científico, universitário ou neurótico, nos termos de Freud) é a ex-sistência do dizer. Sublinho

<sup>4</sup> Outra experiência de dor se situa ao nível do *parlêtre*. Neste nível ou registro da experiência, talvez a dor de existir seja o simples fato do preço que o vivente paga por habitar a linguagem, e não mais que isso, ou seja, nenhum plus aqui.

<sup>5</sup> Freud, S. “Análise terminável e interminável”, In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXIII, Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.

<sup>6</sup> Lacan, J. (1968) “O engano do sujeito suposto saber”. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 335.

então que a via do sentido, se persiste ferreamente, não poderá produzir, provocar... que haja um dizer sem sujeito, ferramenta básica para cernir o real, daí que essa ex-sistência impedida é a causa de uma “resistência ôn-tica”<sup>7</sup>.

### Alguns aspectos necessários para advir ao real da análise

A transferência analítica deve dar lugar a outra experiência, diferente da inicial. A subversão necessária do sujeito suposto saber tem por nome equívoco<sup>8</sup> do sujeito suposto saber. A neurose de transferência, como nos ensinou Freud, é uma neurose artificial, quase de laboratório, poderíamos dizer. A posta em ato da realidade sexual do inconsciente linguageiro é um artifício necessário que logo deve ser desconstruído, desmontado, como o andaime do arquiteto onde apoia sua construção. A serpente do real não se deixar agarrar tão facilmente. É necessário supor um sujeito, mas também é necessário substituí-lo por outro advento<sup>9</sup>.

Equivocar, errar, falhar ao sujeito suposto saber do inconsciente é o contrário de alcançá-lo, de realizá-lo. Equivocá-lo é esgotar sua satisfação passageira para que advenha ao ser outro registro, outro modo de fazer-se ao ser, ou de fazer-se ser, ou seja, a capacidade de fazer sintoma (em um sentido borromeano, sinthomático) no lugar onde houve a transferência. É necessário resolver o conflito dinâmico e seu desgaste monótono a serviço da fantasia para dar lugar a novos canais para o gozo, donde a pragmática corporal, o saber fazer aí oferece uma saída sintomática de acordo com os fins.

Evidentemente, experimentar o inconsciente como não sabido não é o mesmo que experimentá-lo como um saber no real. Insisto nesse aspecto de experiência que implica outra dimensão que não a mera especulação. Para cernir dito real, sabemos que necessitamos de algum punhado de letras, que litoralizem esse horizonte desabitado.

Necessitamos equivocar, errar o saber. Se não equivocamos o saber, se não desarmamos seu argumento edípico, tecido com paixões, como o são por exemplo as paixões básicas de amor e ódio, condicionamos o analisante a uma saída da análise por desgaste, por cansaço, pelo desfazer da libido, algo assim como uma resignação, um malogro insuficiente. Outra coisa é equivocar como prova da errância. Acontecerá algo parecido com o saber referencial?

Outro aspecto importante para o advento ao real no percurso analítico é a extração do objeto do campo do Outro. Esse segundo aspecto que assinalo me parece decisivo na análise. Se não há destituição subjetiva do analista que permita a desconstrução do outro, o objeto que o faz

<sup>7</sup> Em francês, *on* é um pronome indeterminado que, como tal, pode marcar a indeterminação pessoal seja coletiva (a gente) ou individual (alguém). [O autor aqui faz referência a uma nota de rodapé localizada no texto “O engano do sujeito suposto saber”, que está nos Outros Escritos, pág. 335 – N. T.]. *On-tique* significa, em francês, ter tiques e fazer uma careta.

<sup>8</sup> Em francês, o termo é *méprise*. Nos Outros Escritos, há uma nota de rodapé (p. 329) que explica o uso do termo ‘engano’ na versão em português (N. T.).

<sup>9</sup> Em consonância a isso, Lacan refere que “...minha expressão falasser [*parlêtre*] que virá substituir o ICS de Freud” (O. E., p. 561 [o trecho citado está no texto “Joyce, o Sintoma” – N.T.]). Como dizia a meus colegas de Pereira, o *parlêtre* é afim a uma pragmática corporal, é o ser que faz palavra, sem religião, sem ciência, somente com Um Dizer, ou com seu *diosir* (um dizer que vem ao lugar da garantia, ou o deus que joga os dados).

Falar da experiência da própria análise – testemunhá-lo – é assunto de *parlêtre* e não de sujeito, não do sujeito do inconsciente, no do caso clínico (que é um fóssil, um **resto** que somente serve para fazer laço e suportar que se diga um dizer). Inclino-me a dizer que a função do passe no campo lacaniano é a de dar suporte, suportar o objeto e fazer disso laço social de *parlêtre*, fazer disso *fixação*, colocar-nos à prova do *objeto letrificado*. Vale a pergunta: em que medida estamos dispostos a ser suporte – suportar – do objeto no laço com outros em uma Escola?

Essas *fixões* que fazem laço não teriam sido possíveis sem a Escola de psicanálise, e é a essa Escola que reenvio o resultado da experiência ainda em construção. A escola do Campo Lacaniano talvez nos ponha na via da função do escrito (permitam-me uma analogia entre o escrito e a *autofixação* ou *beterofixação* do passe), tal como trabalham meus colegas Matias Buttini e Fernando Martínez.

Para isso, é necessária a transferência de trabalho definida como posta em ato da realidade linguageira do *parlêtre*, realidade que se escreve *fixionalmente*.

existir (o analista) permanece intocado, inumano. Esse objeto pulsátil, eventualmente voz e olhar, subjaz a todo o percurso analítico e é o núcleo duro da transferência. Para chegar a ele, é necessária uma progressão paulatina da análise como busca de sentido ao *encontro* e logo *produção* da letra no coração do nó subjetivo.

Poderia acrescentar, com relação ao que indicava sobre a resistência ôntica, que também há uma resistência ao advento do real, uma resistência que se exerce contra o vazio de referência e de garantias<sup>10</sup>, buscando desse modo manter a religiosidade, a credulidade neurótica, aspectos que levam o neurótico a fazer igreja.

Em minha primeira análise, a maior resistência encontrei na negativa em assumir o saber não sabido. O horror ao saber, que como sabemos mantém dolorosamente em espera as chaves do sofrimento, e, assim, a fantasia fundamental permanece produtora de sentido, alimentando a posição masoquista, que se vê fortificada (assim como o sintoma ou o eu, que são equivalentes). Esse impasse teve como correlato ou cúmplice o analista que não abandonava sua loucura, a de crer no Outro e persistir em ocupar um lugar referencial, debatendo o sentido com seu analisante que tentava decifrar as incógnitas de seu gozo. Talvez confundindo autorização com autoridade, mostrando em seu desvio que o analista, se não é abstinente, dirige o analisante e não a cura, o que constitui uma prática de poder que mantém velados os princípios de dito poder. Nesse contexto, o analista não é mais que Defesa Civil, um organismo estatal a que se acode em caso de catástrofe. Uma Escola de psicanálise do campo lacaniano pode nutrir-se desse impulso no dispositivo do passe. Ali, a urgência de dizer pode ocasionalmente ser formalizada na polifonia das vozes que narram e buscam contagiar – ainda que às vezes o chiste ouvido não seja bem contado, ou o poder discricionário do ouvinte não consiga se deixar incautar por alguns dos paroquianos.

Para o passante, é uma satisfação poder fazer laço com os pasadores por meio dos restos de uma análise, da própria análise, e com o que foi apreendido ali. Considero este aspecto mais humano do que o profissionalismo psi da lógica do caso. Não há caso exceto no caso de dizê-lo. O passe não é uma supervisão.

É o dizer que pode permitir alguma inferência lógica, e não o contrário. Será que os ecos do dizer são os que fazem o corpo de uma Escola? Mas isso não acontece apenas no passe, acontece quando há corpo que aloje o fato de que há um dizer. Um dizer e outro dizer, e outro dizer, e outro dizer e outro... não só o de Freud e o de Lacan. Caso contrário, pensemos em uma Escola Una.

*Tradução: Maria Laura Silvestre*

*Revisão: Beatriz Oliveira e Sandra Berta*

---

<sup>10</sup> O texto lacaniano é enriquecedor nesse ponto. Aqui, um parágrafo de “O engano do sujeito suposto saber”, O. E., pág. 335:

“(Brinco com a palavra on em francês, da qual, não sem motivo, faço um esteio do ser, um ov, um ente, e não a imagem da omnitude: em suma, o sujeito suposto saber.)

Se a gente [on], a omnitude, terminou por se habituar à interpretação, isso foi ainda mais fácil na medida em que há muito tempo ela é feita ali, pela religião”.

## O QUE URGE... OU PIOR

Sandra Berta  
São Paulo, Brasil

Os organizadores desta IV Jornada Interamericana propomos como tema geral “Urgências, respostas, resistências?” com o objetivo de poder debater aqui sobre os “tempos que correm” e em particular para a EPFCL no que refere à clínica psicanalítica, ao dispositivo do passe e para nossa Escola. Para esta mesa sugerimos o tema “Empuxo ao passe? Entre a urgência, as precipitações e os imperativos”. Certamente ao dizer “empuxo” podemos pensar naquilo que precipita e aquilo que, eventualmente, poderia se impor como imperativo.

Em ambos os temas desta Jornada há perguntas, vocês podem observá-lo. No tema geral a pergunta está colocada, preferentemente, naquilo que os analistas entendem por urgências em psicanálise. No tema desta mesa a pergunta se coloca sobre aqueles que chegam ao passe., portanto aqueles que algum dia foram analisantes. Mas não se foi analisante sem ter tido uma análise é uma relação muito particular que se chama transferência e que, como disse Lacan em A terceira, inclui o par analisante/ analisante-analista. Assim sendo, o empuxo, se houvesse, não surge de qualquer contexto, e frequentemente é afetado pelo que chamarei “tempo do final” da análise.

Nesta apresentação me referirei à pergunta específica desta mesa que reitero: empuxo ao passe? A hipótese que apresento para o debate parte da questão seguinte: os impasses do tempo do final podem incidir – não é uma condição nem necessária nem suficiente – no que chamamos empuxo ao passe? Consideremos o empuxo no sentido de ser uma força que atua como impulso.

Essa hipótese é resultado do debate que realizamos no Colegiado Internacional da Garantia no ano em curso. Como informamos em Ecos Nova serie, o CIG atual decidiu realizar seu trabalho epistêmico reunindo o conjunto dos membros em encontros mensais. É nesse marco de trabalho que Colette Soler propôs que a cada mês um dos colegas escreve um breve texto sustentando alguma pergunta que pudéssemos trabalhar na reunião. Antes mesmo da reunião os demais colegas escrevem breves réplicas ao texto apresentado.

Quando escrevi esse texto centrei minha pergunta numa questão no tempo do final de análise e, em particular, na demanda. Escrevi, então:

*Por que, eventualmente, depois da queda do sujeito suposto saber o analisante continua sua análise? O que é que lhe sustenta nisso a não ser o poder da demanda?*

De fato, fazia referência à “demanda fundamental”, assim chamada por Lacan no “Seminário 19, ... ou pior”. Eu o cito: “Peço-te que recuses o que te ofereço porque: não é isso [*parce que: c'est pas ça*]”<sup>1</sup>. A pergunta enlaçava a falha estrutural do SsS que deveria levar à sua queda pela colocação em marcha da “operação verdade” e o real em jogo na repetição da demanda “não é isso”. Sabemos que Lacan localizou aí a função do objeto *a* na transferência.

Também me referi ao luto do final a partir do vislumbre da falha do SsS e a redução do objeto *a* ao representante da representação de seu analista<sup>2</sup> Naquele debate houve vários aportes sobre o luto desse objeto perdido. Um luto que não se compara com outros. Uma afirmação de Lacan que destacamos refere ao seguinte: o analista deve suportar o tempo singular de cada luto. Como escrevi para essa ocasião:

<sup>1</sup> Lacan, J. (1972-1973) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012, p. 79.

<sup>2</sup> Lacan, J. (1972) *O aturdido*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 489.

*Se o “não é isso” é índice do objeto a, e se a análise leva à desaiificação<sup>3</sup> talvez nesse tempo do final, para que o luto finalize, tratar-se-ia de suportar os efeitos desse abjet, portanto, efeitos do vagido do real, efeitos que afetam o analisante e, também, o analista na sua função, na sua operância<sup>4</sup>*

Sobre o tempo do final e o luto, acrescentei: *“Temporalidades (a) sincrônicas e diacrônicas do luto. Trata-se de um tempo delicado e difícil de sustentar. É o tempo em que a repetição se apresenta com toda a sua dignidade. E parece-me que o primeiro a estar advertido disso teria de ser o analista. É possível que isso decida o final do jogo”*

No mesmo debate observamos que não são as mesmas dificuldades que o analista encontra na sustentação do equívoco do SsS no transcurso de uma análise que no tempo do final. Nesse tempo do final, sustentar as condições do ato analítico (refiro-me aqui à passagem de analisante a analista) significa que nem expulsamos o analisante da sua análise nem obturamos com interpretações que levariam a uma infinitização de dita análise. Também consideramos que os lutos são singulares e que as razões do tempo do luto para cada analisante ainda estão para serem debatidas. Cruzamento do estrutural com o singular, mais uma vez.

Se é um fato que aquilo que urge nesse tempo final compromete a ambos – analisante e analista – não poderíamos fazer um laço direto entre esses finais e o empuxo ao passe...

Porém, tampouco poderíamos deixar de considerar o que podemos chamar "impasses do fim" e em particular quando se trata de analistas lacanianos, aqueles que têm no horizonte a proposta do passe para a Escola.

Dito de outro modo, o que urge no tempo do final pode incidir – pelos impasses que se apresentam nesse tempo – no empuxo ao passe, na precipitação e finalmente na interpretação equivocada, uma vez que nada obriga a fazer o passe, muito embora a oferta da Escola esteja aí. Trata-se de uma oferta que antes fora uma demanda e uma proposta de Lacan para os analistas da sua Escola. O passe para que os analistas pudessem dizer o que uma análise lhes produziu. E se a Escola é uma Escola de Psicanálise, ela estará à prova por aquilo que dessas experiências seja recolhido.

Sabemos que não faltam os imperativos no que refere à oferta e à demanda. Esse falso binômio final de análise-passe pode tornar-se um imperativo e disso deveríamos estar advertidos. Considero que isso afeta analisantes e analistas.

Sobre os analistas, refiro-me, em particular aos AME. Deles se espera que possam indicar passadores ao dispositivo. Em nossa Escola já temos mais de 20 anos debatendo sobre a delicadeza que implica designar um passador, precisamente, nesse tempo que se supõe antessala do final.

Sobre os analisantes, no final é frequente a precipitação, a qual nem sempre refere ao ato analítico. Não podemos negar – a partir da experiência – que algumas vezes se pretende resolver no passe o que não se conseguia resolver na análise em dito tempo do final.

Enfim, seja do lado do analista o do lado do analisante, temos que estar advertidos do que pode funcionar como imperativo. O qual nos leva a um paradoxo capital. Qual? Se consideramos que nesse tempo do final comparece algo da inexistência do Outro, isso mesmo não significa a ausência do sujeito. Deste último, no final de análise, por conjectura, não se esperaria que estivesse alienado a um imperativo de fim, que seria nada mais que uma demanda do Outro e, conseqüentemente, sua consistência. Por fim, podemos considerar que esse não seria o horizonte de um final de análise.

Seja como for, parece-me que é necessário diferenciar “precipitação” e “ato”. De ambos somente se sabe *a posteriori*. No dispositivo do passe podemos eventualmente cingir algumas

<sup>3</sup> Lacan, J. (1969). O ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 375.

<sup>4</sup> Lacan, J. (1967-1968) *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico. Lição de 22 de novembro de 1967. Inédito. Em Stajerlá a palavra em francês é “opérance”, neologismo de Lacan.*

consequências do ato e outras consequências das precipitações dos “finais forçados”. É fato que algo do *forcing* opera no final de análise. Digamos: *há do forcing* no tempo do final de análise. Porém, a questão é por que isso nos interpela? Pela nomeação AE? Pessoalmente posso dizer que os AE ensinam sobre a experiência e a função. De todo modo, e sobre essa questão parece-me que o que se sublinha com isso para a Escola é uma questão nada simples, qual seja, até onde se chegue numa análise pode incidir em como cada analisante que logo se autorize como analista, possa sustentar o tempo do final das análises que ele dirija.

Para concluir

O que urge... ou pior. Se tivermos em consideração que o que urge de uma demanda fundamental, bem como o luto pelo objeto, podem transmitir algo do *Um dizer*, então, os analistas poderiam tratar dessa urgência o tempo que seja necessário para o analisante. É possível que se formos por isso afetados, teremos presentes a pergunta desta mesa: empuxo ao passe?

## A ESCOLA ANTE A URGÊNCIA DA ÉPOCA

*Beatriz Maya* (América Latina Norte), *Leonardo Leibson* (América Latina Sud),  
*Dominique Fingermann* (Brasil, França), *Maria Vitória Bittencourt* (Brasil)  
(CLGAL 2020-2022)

“A Escola ante a urgência: Respostas? Resistências?” é o tema com o qual nos convidam a esta Jornada.

1.

Não somente os tempos atuais são de urgências, aquelas que todo demandante tem e que dirige a um psicanalista. Não se trata da urgência no sentido do afã de resposta, essas estão sempre presentes quando um sofrimento acomete um *parlêtre*. No entanto, o COVID criou uma urgência nova: a de sustentar a clínica e a psicanálise a todo custo. Também a urgência de que nossa Escola mantenha seus dispositivos de maneira permanente.

No que cabe à CLGAL, nossa tarefa se manteve apesar das vicissitudes que a pandemia trouxe. Os recursos eletrônicos permitiram que a Escola continuasse com a tarefa de sustentar a psicanálise lacaniana no mundo. Quanto à intensão – que é o âmbito de nossa razão de ser enquanto comissão de garantia –, as demandas de passe continuaram chegando e foram submetidas a entrevistas virtuais com as conseguintes discussões entre os membros do secretariado. Os encontros entre passantes e passadores também aconteceram pela mesma via. Dessa forma, as respostas ao que poderia ser chamado de demanda ao secretariado foram acolhidas.

Quanto a possíveis resistências, poderiam ser pensadas em relação aos meios empregados, mas só podemos considerar as demandas de passe que recebemos. Não temos como medir a resistência a essa modalidade de encontro.

O importante é que a Escola não se paralisou. Continuou seu trabalho a partir de todas as frentes que lhe são atribuídas. No que se refere à demanda de postulações de AME, os meios eletrônicos permitiram um maior intercâmbio entre os Fóruns da América. A abertura de atividades para todos que quisessem escutar os colegas e também àqueles que quisessem submeter suas ideias, suas teses e suas hipóteses à dialética viu-se favorecida, permitindo conhecer melhor os possíveis nomeados.

Entretanto, temos uma pergunta específica: “Empuxo ao passe? Entre a urgência, as precipitações e os imperativos?”.

Consideramos que o empuxo ao passe é dado por aquilo que ocorre em cada um dos candidatos, o que vivem como urgência ou necessidade de fazer passar algo que tem um momento determinado. Talvez seja isso que Lacan nos transmite aqui:

“É com eles [os passadores] que um psicanalista, para se fazer autorizar como analista de Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vivido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe”<sup>1</sup>

Justamente o que um final pode precipitar em termos de real ou de desejo é o que passa aos passadores, e isso tem o tempo de um relâmpago. Se o passador requer um frescor, o passante, não?

“O passe é algo como um relâmpago”<sup>2</sup>, diz Lacan. A palavra relâmpago pode nos remeter ao fenômeno que, concomitantemente, ilumina e sombreia, e também ao tempo de um instante que passa.

Nossa Escola não tem um imperativo do passe. Trata-se de uma escolha feita pelo candidato.

## 2.

Retomando a pergunta feita, podemos propor que o passante certamente requer esse frescor que Lacan, como mencionado, esperava dos passantes. Ou talvez seja melhor falar em um refrescamento. É isso que surge do trabalho de retornar ao que foi uma análise, a sua, aquela em que como analisante percorreu um caminho que desembocou em um final, produzindo um saber que não garante, mas é indício desse final. Transmitir algo desse saber é a proposta do passe como dispositivo.

Nesse sentido, o secretariado, já que acompanha a formulação da demanda de passe, a sanciona como tal, dispõe dos meios para que essa demanda se verta em testemunho e que esse testemunho siga seu dever em direção ao cartel do passe. Tudo isso tem se mostrado possível por meios virtuais.

Poderíamos nos perguntar se a falta da co-presença dos corpos introduz alguma modificação no funcionamento do dispositivo. Sabemos que, como mencionado ao início, foi possível sustentar as análises durante a pandemia. Sabemos também que isso não foi possível em todos os casos, assim como o fato de que seguir por meio telemáticos nem sempre significou que tudo continuava exatamente do mesmo modo que até então. Em certas situações, gerou dificuldades e resistências novas, mas é quase impossível atribuir isso aos meios em si, dado que em outros casos, ao contrário, parece ter facilitado as coisas, inclusive promovido as demandas e as entradas em análise. O que fica mais ou menos claro é que não deixou de introduzir algumas modificações no modo de sustentar o dispositivo analítico como o vínhamos considerando até então.

Por isso, a pergunta pelas possíveis mudanças no dispositivo do passe, com toda a complexidade que comporta, ao se realizar sem a presença dos corpos, sem as viagens que geralmente aconteciam, sem tudo aquilo que um encontro presencial implica. Isso não invalida o funcionamento, somente introduz a pergunta. E, talvez, permita entender por que, no início da pandemia e diante da impossibilidade desses encontros, os diversos níveis do dispositivo do passe ficaram suspensos, sendo retomados, já de maneira exclusivamente virtual e não sem o consentimento daqueles que participavam, ao final de 2020.

<sup>1</sup>Lacan J., (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 261.

<sup>2</sup>Lacan J., *Sobre la experiencia del pase: acerca de la experiencia del pase y de su transmisión*, 3 de noviembre de 1973, En *Ornicar?* No.1 Ediciones Pretel; Barcelona, 1984, p. 31 a 40

Apenas como especulação, dado que ainda não dispomos dos elementos de avaliação para formular uma resposta mais elaborada ou certa, e também considerando a experiência desses últimos meses, poderíamos nos arriscar a dizer que não se evidenciaram mudanças de fundo nem substanciais ao sustentar o dispositivo por esses meios. É cedo porém, como dizíamos, para avaliar se houve mais ou menos alterações tanto na quantidade de demandas de passe quanto em seu eventual desenrolar. Mas podemos conjecturar que o fundamental do dispositivo, assim como a inclusão dos corpos na psicanálise, não tem tanto a ver com sua coexistência material, e sim com o que desses corpos se desprende, circula e, às vezes, sabe cair.

Finalizamos reiterando que o dispositivo está aí justamente para receber as urgências, que são singulares, para dar possibilidade de que o dispositivo do passe esteja a postos para escutá-las e, assim, contribuir com o que mais importa em nossa Escola: fazer avançar a psicanálise.

*Tradução: Maria Claudia Formigoni*

*Revisão: Beatriz Oliveira e Sandra Berta*

## **COMO O CIG ANTERIOR ENFRENTOU O QUE PODERIA TER SIDO UMA CATÁSTROFE**

*Ana Laura Prates Pacheco (Brasil), Andrea Hortelio Fernandes (Brasil),  
Beatriz Maya (América Latina Norte) e Vanina Muraro (América Latina Sud),  
Membros do CIG (2018-2020)*

Empuxo ao passe? Entre urgência, precipitação e imperativos, este é o tema com o qual fomos convocadas a participar nesse encontro. Coloquei minha voz, mas, atrás dela está o trabalho que minhas colegas Vanina Muraro, Andrea Fernandes e Ana Laura Prates fizeram para construir um texto a quatro mãos. Procedemos como nos cartéis: cada uma colocou algo de si, sua reflexão, produto de uma experiência impactante que vivemos no CIG 2018-2020 por causa da Covid.

Nada escapou ao desastre de uma Pandemia, nem a saúde, nem a economia, nem as relações, muito menos nossa experiência que se viu confinada como o resto do mundo. Mas decidimos não ficar em quarentena, colocamos nosso desejo a serviço de uma continuidade no trabalho iniciado, com a certeza de que teríamos que fazer algo para manter viva nossa Escola. Esta reflexão traz os ecos do que foi nosso trabalho, das perguntas às quais nos vimos confrontados, das decisões pactadas com os outros colegas implicados neste processo de Escola. As diferenças não impediram que o passe, e o que ele permite em termos de novidade, continuasse seu curso por caminhos que nunca tínhamos suspeitado e dos quais teremos que tirar novos ensinamentos e maneiras de pensar a reinvenção da psicanálise.

Acompanhemos um pouco o que Vanina Muraro nos diz sobre os imperativos:

“Um imperativo pode vir de diferentes fontes. Nós geralmente associamos essa noção ao Supereu pela raiz kantiana do imperativo categórico que Lacan ilumina recorrendo à máxima sadiana. Na leitura de Lacan, Kant e Sade são duas expressões equivalentes no que diz respeito à sua posição com relação ao desejo e prazer. A máxima sadiana de que o libertino tem o direito de assediá-lo seu próximo à vontade, obedece a requisitos estritos do imperativo de Kant. Tanto a proposta de Sade quanto a moralidade kantiana são exemplos do mesmo sadismo: em um caso direcionado a terceiros e no outro para si mesmo.

No entanto, o imperativo pode esconder uma dimensão de pressa, do que clama por se resolver; quando algo constitui um enigma, uma de suas características essenciais é que é uma enunciação que incita a decifração, um dizer pela metade, que convoca em forma urgente que se diga a outra metade. No Seminário 17 *O Averso da Psicanálise*, Lacan afirma que o enigma é uma enunciação e que desvendá-lo terá consequências. Se trata de algo “que nos urge responder como um perigo mortal”<sup>1</sup>

Veremos abaixo por que era urgente responder ao enigma do oráculo de Delfos na tragédia de Sófocles, Édipo rei, a que Lacan se refere. A cidade de Tebas, outrora poderosa e fértil, estava atolada na miséria e na peste; desde a morte do rei Layo, inexplicavelmente, uma força devastadora fazia perecer as crianças e animais e impedia o crescimento dos frutos que foram plantados na terra. O sacerdote anuncia que acompanhado pela multidão, vai a Édipo pedir sua ajuda.

Diante dessas calamidades é essencial que o Rei – que em outra ocasião conseguiu desvendar um enigma que subjugava Tebas – inicie seu engenho e desvele quem foi o assassino do rei Layo. A jornada através desta passagem da tragédia de Sófocles coloca o enigma muito além de um simples jogo de sagacidade, é uma enunciação que ressoa em um ponto de sofrimento e que, como um mistério, diz respeito ao sujeito em seu sofrimento. Citaremos abaixo o que Édipo responde aos seus fiéis após a demanda que lhe foi feita:

Dignos de pena que são, meus filhos! Eles são conhecidos por mim, eu não ignoro os males cujo remédio estão me pedindo! Eu sei bem que todos vocês sofrem, embora nenhum de vocês está sofrendo é igual a mim. Cada um de vocês sente sua própria dor e não a do outro; mas meu coração sofre por mim, por vocês e pela cidade; e de tal forma que vocês não me encontraram entregue ao sono, mas saibam que eu já derramei muitas lágrimas e meditado em todos os remédios sugeridos por meus despertares (Sófocles, 430 a. C.: 14-15).

Colette Soler, em seu texto “*Sobre a interpretação*”<sup>2</sup> retoma a dimensão do enigma, uma verdade cujo saber latente deve ser produzido pelo ouvinte em relação ao ato.

Essa dimensão entre o imperativo, o caráter enigmático e o ato é o que podemos articular no pedido de passe e no desejo de testemunhar. Empuxo imperativo para dizer dentro do dispositivo da Escola, experiência singular sem nenhuma outra garantia que não seja a certeza de que não será sem consequências. “

O que Vanina nos traz é uma lembrança do que se move na psicanálise: a solução dos enigmas do gozo que depois de passar por uma análise, em alguns, empurra a ser contado, com a necessidade, então, de que haja alguém que possa escutar. Portanto, não é um imperativo superegoico, é outro tipo de imperativo do qual a Escola se beneficia. Vamos ver então o que Andrea nos traz sobre o que precisa ser passado, o que urge do *parlêtre* no passe.

“Com a pandemia, os analistas foram convocados a responder à altura da subjetividade da sua época e passaram a realizar, com mais frequência, o tratamento psicanalítico pelo meio virtual. A COVID-19 fez com que nós nos confrontássemos com determinações sanitárias que atingiram a todos e que nos isolaram e nos confinaram como medida de conter a disseminação do vírus. Sobre isso, nos anos setenta, Lacan chama atenção para o fato de que o “discurso da ciência tem consequências irrespiráveis para a humanidade”<sup>3</sup>. Os atendimentos online reafirmaram a potência da psicanálise como “pulmão artificial” graças ao qual os analistas

<sup>1</sup> Lacan, J. (1969-1970) *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1992, p. 96.

<sup>2</sup> Soler, C. (1984). “Sobre la interpretación”. En AA.VV. (1984). *Acto e interpretación*, Buenos Aires, Manantial, 1993.

<sup>3</sup> Lacan, J. Déclaration à France Culture. *Le coq-héron*, Paris, 1974, n°46/47, pp. 3-8., disponible en <http://aejcpp.free.fr/lacan/1973-07-00b.htm>

procuraram meios que assegurassem aos sujeitos dar tratamento ao que há de real no sintoma como acontecimento de corpo. O sintoma como acontecimento de corpo é tributário da noção de *alíngua* formulada por Lacan também na década de setenta. Portanto, é possível afirmar que é o real próprio a *alíngua* e ao *falasser* está diretamente articulado ao futuro da psicanálise e isso se vislumbra nos testemunhos de passe.

A manutenção do dispositivo do passe, em tempos de pandemia, convocou que os cartéis do CIG escutassem os passadores pela plataforma Zoom. Foi uma experiência bastante viva. Apesar do recurso virtual, a linguagem foi capaz de animar o corpo falante, por meio do olhar e da voz. Isto tem relação com a *alíngua* que em português se escreve *alíngua* e faz equívoco com o universal da língua, do idioma, e ao mesmo tempo faz alusão ao objeto a no que ele remete aos afetos singulares das substâncias episódicas no *falasser*, dado que a *alíngua* nada mais é que “um encontro acidental entre verbo e gozo produzido ao sabor das contingências dos primeiros anos”<sup>4</sup> 3 de vida. A coalescência entre o S 1 e S 2 no Um encarnado de *alíngua* ao ser trabalhada em análise, pela associação livre, revela que a linguagem é uma elucubração de saber acerca da *alíngua*.

Muitas vezes, os testemunhos dos AEs iniciam-se por uma alusão à *alíngua* e à toda sorte de efeitos enigmáticos que convocaram o sujeito a se reposicionar frente ao Outro da linguagem, numa análise. O saber fazer com *alíngua* pode vir a se configurar como um movimento, um empuxo, em direção ao passe. Logo, para os cartéis do passe torna-se imperativo escutar as ressonâncias da relação de cada sujeito com sua própria *alíngua*.

Andréa argumenta sobre uma questão particular daqueles que estão envolvidos no passe, ela nos lembra que, para alguns, o imperativo para testemunhar vem da própria *alíngua*.

Embora Andrea reflita sobre uma questão particular daqueles que estão engajados no passe, ela nos lembra que, para alguns, esse imperativo vem *da alíngua*. Mas é Ana Laura Prates quem nos deixa com muitas perguntas para que retomemos na discussão. Vamos ouvir o que ela pensa da urgência do passe.

A questão fundamental que me orienta é a retomada da finalidade do passe, qual seja tornar indissociável a formação do analista e a transmissão da Psicanálise. Essa foi sua novidade na história do movimento analítico. É preciso considerar que o passe não é uma experiência transcendental e fora do mundo, tampouco alheio às conjunturas do século. O mundo está passando por uma situação extremamente crítica. Saber fazer com o passe, nesse momento, me parece menos um problema técnico ou tecnológico e mais uma decisão ética. Creio que precisamos voltar à pergunta: para que o passe? Lacan não o inventou em nome de determinadas urgências subjetivas, mas para manter viva a inquietude sobre o que é um Psicanalista e como ele advém de uma Psicanálise levada a seu fim. Entendo que é a aposta em uma elaboração coletiva de um ato singular. A Escola tem urgência em escutar os testemunhos para que a própria Psicanálise possa renovar-se a partir de cada experiência singular. Desse modo, escutar o testemunho do ato através do qual um novo analista advém, antes que ele seja esquecido é uma urgência para a Psicanálise. Uma urgência para que a Psicanálise, nas palavras de Freud, não se torne “o futuro de uma ilusão”.

Nesse momento é incontornável enfrentar os paradoxos colocados por esta dimensão virtual, possibilitada pela invenção da internet, que de modo algum se reduz ao Imaginário. Poderíamos estar abertos para uma revisão crítica de nossos conceitos de Real e Virtual, trabalhados por Lacan desde o início de seu ensino? A tela poderia não se reduzir somente à janela do fantasma, mas ser pensada como litoral, ou com a noção topológica de vizinhança, escrevendo, assim, bordas e enlacs com o Simbólico e o Real, mais além das fronteiras dos Estados que colonizam ou dos muros que segregam? Somos lacanianos o suficiente? Borromeanos o suficiente? Concebemos o nó como espaço/tempo do *falasser*, ou no fundo ainda operamos com uma

<sup>4</sup> Soler, C. (2009). *Lacan, el inconsciente reinventado*. Buenos Aires: Amorrortu (2013), p. 51.

concepção kantiana de espaço e tempo como apriorísticos anteriores à linguagem? Estaríamos dispostos a renunciar a nossos saberes estabelecidos para quem sabe, nos deixarmos ensinar por uma nova experiência? Queremos correr o risco? Esse não poderia ser um bom destino para o passe, mais além da querela das nomeações? Talvez seja uma oportunidade que os novos tempos estejam nos oferecendo. Qual será a nossa aposta neste Campo Lacaniano?

Ana Laura nos convoca para uma reflexão séria que vai além de se envolver em discussões sobre quem está certo ou não, quem ainda é psicanalista ou não; se produz uma mudança tanto em seu pensamento e posição como na própria prática, isso o colocaria fora dos ideais mantidos pelos próprios analistas ao longo de muitos anos, não se trata de confrontar uns aos outros, trata-se de enfrentar os efeitos práticos que um acontecimento trouxe ao mundo. Trata-se de tomar decisões que nos permitam continuar mantendo nosso dispositivo, nossa prática e, portanto, nossa Escola.

Nossa escola não entrou em colapso como muitas empresas, a nossa se sustenta pelo desejo que nos une em torno de uma mesma ética, a que se ocupa do mal-estar na civilização, ela está de pé, segue, apesar de tudo e todos.

## URGUET DIEM NOX

Maria de los Angeles Gómez Escudero  
Porto Rico

*Urguet diem nox* -a noite empurra e urge ao dia-, dizia Horatius Flaccus, e com isso anunciava, em seu terceiro poema, a força do iniludível e a urgência do que não para de insistir. Freud falou muito cedo em sua obra do *not des lebens* - ou urgência da vida-; essa urgência que o levou a delinear a pacificação impossível e o complexo enredamento da satisfação para o humano. Declinava assim a urgência, entre desejo e pulsão. Para Lacan, a urgência é também a da pulsão e da palavra, mas também aquela que haveria que conectar com a satisfação ao final da análise. E nossa quinta Jornada Interamericana de Escola, justamente intitulada “A Escola diante da urgência: respostas? Resistências?”, nos permitiu ouvir as reflexões dos queridos colegas e participar de debates cruciais para nossa comunidade interamericana.

Temos nos perguntado: Que valor e lugar devemos dar às urgências que se precipitaram e se desvelaram com a pandemia da COVID-19 e as sequelas que dela surgiram? Quais têm sido os desafios que temos encontrado neste contexto inédito que estamos atravessando? Quais têm sido as respostas? O que dizer das resistências, as nossas, nesta conjuntura? Como sustentar o dispositivo analítico? Como sustentar um trabalho epistêmico? Como sustentar as atividades de Escola? Como abrir caminho para o dispositivo do cartel? Como nos situar entre o que deve ser sustentado e a consideração do inédito? Como sustentar a pulsação da Escola quando tudo leva a deter-se e esperar?

Os trabalhos abriram um leque de reflexões e perguntas sobre as encruzilhadas – pessoais e institucionais – que implicam os modos de fazer e pensar a clínica; formas de pensar e atender às urgências; as formas de sustentar e se sustentar no desejo; as formas de cultivar o laço social e o trabalho de Escola. São muitos os desafios teóricos que se abriram para pensar a questão do tempo, o espaço, os laços, o corpo, a vida e a morte. Esta época e suas encruzilhadas têm nos convocado, provocado e ao mesmo tempo nos impulsionado a repensar os desafios epistêmicos, clínicos, éticos e, inclusive, tecnológicos, mas também políticos, para sustentar nosso trabalho singular e para sustentar os dispositivos da Escola e nosso trabalho comum.

A frutífera discussão que foi gerada durante a Jornada Interamericano de nossa Escola deixou a todos nós com múltiplos desafios, mas também vias epistêmicas e clínicas para continuar trabalhando. Nas reflexões da primeira mesa da Jornada, por exemplo, o ponto de partida foi a interrogação do sentido freudiano da urgência, para em seguida traçar as bordas da urgência no campo lacaniano: urgência como impasse subjetivo e como urgência subjetiva diante do encontro com o real. Mas, sobretudo, a urgência que está em jogo na análise, a urgência do início, mas também a urgência que rege o fim da análise. A discussão permitiu delinear as diferenças entre a fetichização do Sujeito Suposto Saber e sua queda; a distinção entre a desconstrução do sujeito do inconsciente e o que implica viver um corpo; o que é possível pensar da urgência ou não de um corpo presente ao final, para vislumbrar o final da análise. As discussões também abordaram a questão do corpo borromeano, e a questão do luto ao final da análise, em contraponto a esses outros lutos que atravessam a vida. Uma questão central nessa primeira mesa, referia-se justamente à indicação de Lacan de conectar a urgência com a satisfação do fim da análise.

As discussões que surgiram das apresentações da segunda mesa também foram fundamentais. Entre os temas surgiram: a pergunta sobre a precipitação (ao passe) e suas formas de se entrelaçar com certos imperativos e ideais, mas também com a questão da urgência. Também foram discutidos os desafios, mas também as resistências e as urgências que emergiram de levar o dispositivo do passe para o virtual diante da conjuntura inédita. Discutiu-se sobre os standards

do dispositivo e a dificuldade de sustentá-los na situação introduzida pela pandemia e pelo confinamento. A discussão destacou a importância de ponderar que o passe não tem a ver com urgência subjetiva, mas com outra urgência, distinção fundamental para o futuro e sustentação dos dispositivos da Escola.

É claro que ainda estamos na travessia e sendo atravessados pela experiência da covid e pela interminável quarentena que todos tivemos que viver. Tanto na clínica quanto nos dispositivos, as experiências foram se articulando e acumulando, e prontamente as reflexões, mas também as ações foram orientadas para sustentar a tarefa analítica e o funcionamento dos dispositivos de Escola. Dados os desafios que a conjuntura atual nos apresenta, no entanto, é necessário tempo para ponderar e compreender as distintas e novas urgências que a psicanálise enfrenta, assim como os modos inéditos de atendê-las. Poderíamos dizer que, para além das emergências terapêuticas com as quais nos encontramos cada vez mais em consultórios e clínicas, há outra emergência que nos ocupa aqui hoje. Essa que tentamos dar conta em nossas reflexões, com nossa presença e com nossos atos. Uma urgência que implica a sustentação dos dispositivos da Escola, o cultivo dos laços de trabalho e o futuro da psicanálise. Apostamos numa Escola que acolha e dê sustentação à urgência do dizer, apostando numa elaboração coletiva do singular no espaço vivo dos seus dispositivos. Uma Escola cuja urgência convida à manifestação do desejo. Uma Escola que talvez, como trouxeram na discussão, ressoe com a polifonia das vozes daqueles que a sustentam. Uma Escola viva que pulsa ao ritmo de cada uma das experiências que a alimentam, a formam e desenham o seu futuro.

Luis Izcovich dizia que parte da função do dispositivo do passe é configurar-se como uma opção da comunidade daqueles que consentem na perda que não será obturada, contrabalançando ao Um que obtura o furo. Tratar-se-ia, então, de descobrir novas formas de fazer laço a partir da destituição subjetiva de cada um e integrar a experiência dessa destituição à experiência da Escola. As elaborações dos cartéis do passe fluem e confluem no interior do CIG e com eles se sustenta o reconhecimento do singular e seu enodamento com o coletivo. Lá, se relança a reflexão epistêmica, que é enriquecida e se põe à prova a cada vez. No entanto, é urgente que o que acontece dentro das instâncias possa irradiar para a comunidade de analistas de nossa Escola para que ela funcione como uma comunidade de experiência. Uma urgência que teria que ser traduzida em uma "injeção de energia", como disse Lacan em seu texto de encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da EFP. Acho que ainda há muito a ser inventado aí.

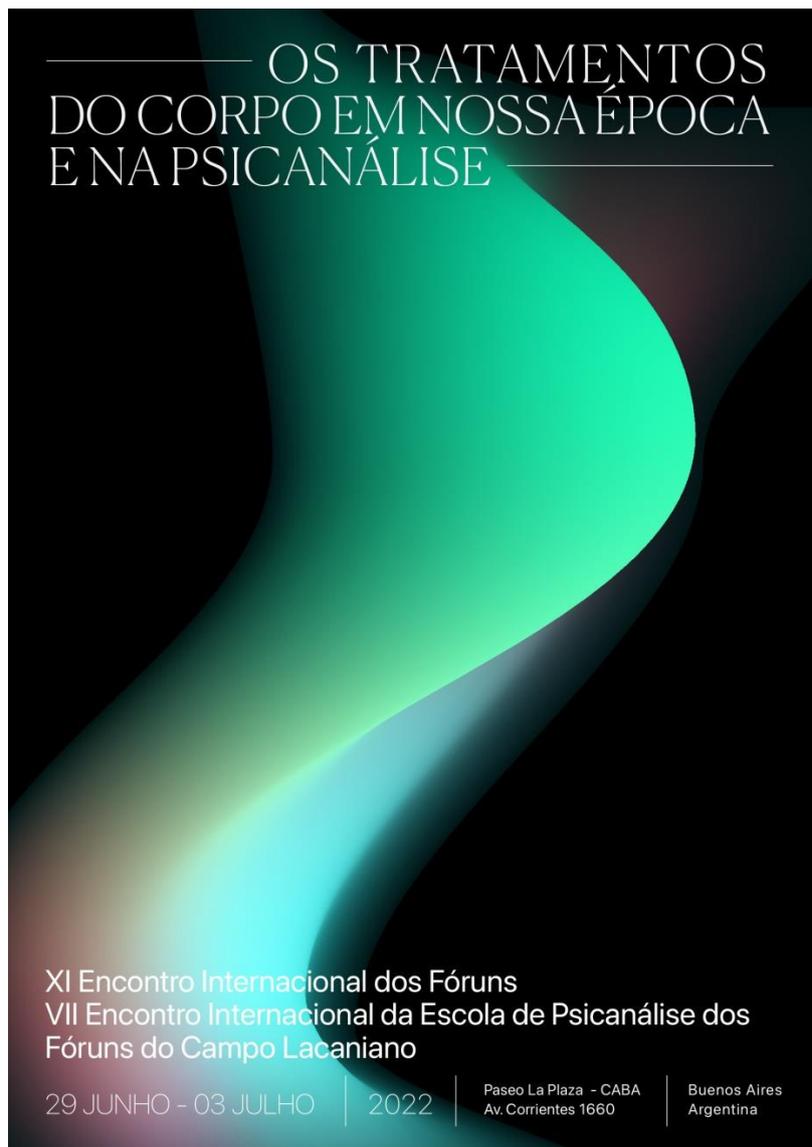
Obrigado aos que nos transmitiram suas reflexões e obrigado a todos por se juntarem a nós nesta linda tarde de trabalho.

*Tradução: Maria Luisa Rodriguez*

*Revisão: Beatriz Oliveira*

**PRÓXIMOS EVENTOS**

**VII Encontro internacional de Escola  
«Passe a analista»**



**29 Junho – 3 Julho 2022**  
**Buenos Aires, Argentina**

**2ª Jornada de Cartéis da Escola intercontinentais e  
bilíngues do CAOÉ**

**17 de setembro de 2022**

Por vídeo conferência

**“Pensar a psicanálise nos cartéis intercontinentais e  
bilíngues”**

---

**V Simpósio Interamericano  
dos Fóruns do Campo Lacaniano  
24 – 25 junho 2023. San Juan, Porto Rico  
« Segregação e singularidade »  
Jornada de Escola**

---

**III Convenção europeia  
14 – 16 julho 2023. Madrid, Espanha  
Jornada de Escola  
« O imperativo do laço social »  
Jornada da IF  
« A ética da singularidade »**

**Wunsch 22** foi editada pelo **CAOE 2021-2022**, composto por : Colette SOLER, Sandra BERTA, Julieta de BATTISTA, Mikel PLAZAOLA, Maria de los A. GOMEZ, Maria Teresa MAIOCCHI. Com a colaboração de Diego MAUTINO, Beatriz OLIVEIRA, Manel REBOLLO e Susan SCHWARTZ, responsáveis das equipes de tradução.

### **AGRADECIMENTOS**

O CIG 2020-2022 agradece afetuosamente a todos os colegas que, nos cinco idiomas, contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

#### **TRADUTORES EM LÍNGUA FRANCESA**

KELLY VARGAS GARCIA; NOELIA LUZAR.

#### **TRADUTORES EM LÍNGUA ESPANHOLA**

XABIER OÑATIVIA, BITTORI BRAVO, FRANCISCO JOSÉ SANTOS GARRIDO, ANA ALONSO, MANEL REBOLLO, KELLY VARGAS.

#### **TRADUTORES EM LÍNGUA PORTUGUESA**

BEATRIZ CHNAIDERMAN; ELYNES BARROS LIMA; LEONARDO PIMENTEL; LUCIANA GUARRESCHI; LUIS GUILHERME COELHO MOLA; MARIA CLAUDIA FORMIGONI; MARIA LAURA CURY SILVESTREMARIA LUISA RODRIGUEZ; MIRIAM PINHO; TÁTIANA ASSADI E ZILDA MACHADO.

#### **TRADUTORES EM LÍNGUA ITALIANA**

SUSANNA ASCARELLI, MARIA LUISA CARFORA, ROBERTA GIACCHÈ, ISABELLA GRANDE, LYNETTE LOBO, DIEGO MAUTINO, MARIA ROSARIA OSPITE, MARIA DOMENICA PADULA, LUCREZIA RICCONI, CRISTINA TAMBURINI, FRANCESCA VELLUZZI.

#### **TRADUTORES EM LÍNGUA INGLESA**

DANIELA AVALOS, OFELIA BROZKY, GABRIELA COSTARDI, CHANTAL DEGRIL, ESTHER FAYE, CARNEY LEE, DEBORAH MCINTYRE, LEONARDO RODRÍGUEZ, SUSAN SCHWARTZ, DEVRA SIMIU, GABRIELA ZORZUTTI.

## SUMÁRIO

### LÍNGUA(S) E PASSE 2<sup>DA</sup> JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

Editorial	2
Elisabete Thamer (França), <i>Abertura</i>	3
Anastasia Tzavidopoulou (França), <i>Catividades [Captivités]</i>	5
Josep Monseny (Espanha), <i>Lalíngua no entre línguas e a experiência do passe</i>	8
Mario Binasco (Itália), «... <i>A justo título!...</i> »	11
Colette Soler (França), <i>Passe a lalíngua</i>	14
Elodie Valette (França), <i>A permanente tradução</i>	18
Ramon Miralpeix i Jubany (Espanha), <i>Passar o dizer das palavras ditas, e sua leitura</i>	20
Nadine Cordova-Naïtali (França), <i>Raíz única</i>	23
Camila Vidal (Espanha), <i>Conclusão</i>	26

### A ESCOLA FRENTE À URGÊNCIA: RESPOSTAS? RESISTÊNCIAS? 4<sup>TA</sup> JORNADA INTERAMERICANA DE ESCOLA

Fernando Martínez (Argentina), <i>Abertura</i>	28
Alejandro Rostagnotto (Argentina), <i>A satisfação que marca o final da análise. E algumas de suas resistências...</i>	30
Sandra Berta (Brasil), <i>O que urge... ou pior</i>	34
Beatriz Maya (Colômbia), Leonardo Leibson (Argentina), Dominique Fingermann (Brasil, França), Maria Vitória Bittencourt (Brasil) (CLGAL 2020-2021), <i>A escola ante a urgência da época</i>	36
Ana Laura Prates Pacheco (Brasil), Andrea Hortelio Fernandes (Brasil), Beatriz Maya (América Latina Norte) et Vanina Muraro (América Latina Sud), Membros do CIG (2018-2020), <i>Como o CIG anterior enfrentou o que poderia ter sido uma catástrofe</i>	38
María de los Ángeles Gómez Escudero (Porto Rico), <i>Urquet diem nox</i>	42

<b>PRÓXIMOS EVENTOS</b>	44
-------------------------	----

